

**PROPOSTA DE TRATAMENTO DOCUMENTAL DO ARQUIVO DA
BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA DA BIBLIOTECA DE ARTE DA
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN**

Selma de Lemos Motta Matos

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da Informação e
Documentação - Área de Especialização em Biblioteconomia**

Novembro 2011

**PROPOSTA DE TRATAMENTO DOCUMENTAL DO ARQUIVO DA
BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA DA BIBLIOTECA DE ARTE
DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN**

Selma de Lemos Motta Matos

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da Informação e da
Documentação - Área de Especialização em Biblioteconomia**

NOVEMBRO, 2011

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Informação e da Documentação - Área de Especialização em Biblioteconomia realizado sob a orientação científica da

Prof.^a Doutora Maria de Lurdes Rosa e da Dra. Silvana Roque de Oliveira

Ao Aloisio e aos meus filhos Fabricio e Carolina e aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à Dr^a Silvana Roque pela orientação, incentivo, apoio e disponibilidade.

Agradeço também à Prof.^a Doutora Maria de Lurdes Rosa pela orientação e revisão do Relatório, a Dr^a Ana Caldeira da FCG pela orientação e pelas explicações esclarecedoras sobre a BAFCG e o fundo documental da Brigada de Estudos de Azulejaria, e a permitir o acesso a todas as informações necessárias para a realização do trabalho.

Igualmente agradeço a Dr^a Constança Rosa e ao Dr. Paulo Leitão da FCG e à Dr^a Rosa Galvão da BN por esclarecerem as minhas dúvidas de maneira prestativa e gentil.

RESUMO

PROPOSTA DE TRATAMENTO DOCUMENTAL DO ARQUIVO DA BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA DA BIBLIOTECA DE ARTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SELMA DE LEMOS MOTTA MATOS

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria; J. M. Santos Simões; Biblioteca de Arte; Fundação Calouste Gulbenkian; tratamento documental; tratamento de arquivos em biblioteca

O presente relatório apresenta a actividade desenvolvida na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito do Mestrado em Ciências da Informação da UNL. Parte da caracterização da Biblioteca de Arte e da análise da documentação da Brigada de Estudos de Azulejaria, dirigida por João Miguel dos Santos Simões, para a elaboração de propostas para o tratamento bibliográfico.

Após a pesquisa, a análise da documentação, a revisão de literatura, a síntese da tipologia documental e o resultado das entrevistas, verificou-se que a documentação em questão se caracteriza como documentação de arquivo. Nesse sentido, buscámos conceitos básicos tanto da área da Arquivística quanto da Biblioteconomia. Recomendou-se que apenas algumas colecções fossem tratadas e disponibilizadas na BA e os demais documentos enviados para o Arquivo da Instituição para formarem séries arquivísticas como prova das actividades da Brigada e sublinhou-se a necessidade de cooperação entre a Biblioteca e o Arquivo para a decisão de tratamento documental mais adequado à documentação nas suas especificidades.

Para as colecções que devem permanecer na BA, apresentamos propostas de formato bibliográfico e UNIMARC para integração no catálogo, que incluem informações das relações da colecção da BA com a documentação do Arquivo, a fim de informar os utilizadores da sua existência e não se perder o seu significado dentro do conjunto arquivístico. Finalmente, recomendamos também a digitalização de alguns documentos como forma de disponibilização e preservação.

ABSTRACT

KEYWORDS: Brigada de Estudos de Azulejaria Archive, J. M. Santos Simões, Art Library, Calouste Gulbenkian Foundation, documental treatment, archival documents in libraries.

This current report presents the activity developed at the Art Library of Calouste Gulbenkian Foundation under the Master Program in Information Science of Universidade Nova de Lisboa, starting on Art Library's characterization and documentation review of Brigada de Estudos de Azulejaria, directed by João Miguel dos Santos Simões, to the elaboration of proposals for the bibliographic treatment.

After research, documentation analysis, literature review, summary of documental typology and results of interviews, it was verified that this documentation is characterized as archival documentation and, in this sense, we search for basic concepts of both areas - Archival Science and Librarianship.

It was recommended that just some collections should be treated and made available on Art Library and the other documents sent to the institutional archive to form archival series as evidence of the activities on BEA. Finally, it was underlined the need for cooperation between the Archivists and Librarians for the decision about the documental treatment most appropriate to the documentation on its specificities.

For collections that should stay in Art Library we present proposals of UNIMARC bibliographic format to integrate the bibliographic catalogue.

ÍNDICE

Capítulo I: INTRODUÇÃO	1
I. 1. Justificação e importância	2
I. 2. Objectivos	3
Capítulo II: CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DE ARTE	5
II. 1. Apresentação da BAFCG	5
II. 2. Fundo documental.....	6
Capítulo III: ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS NA BAFCG	8
III. 1. Fundo documental do arquivo da BEA	10
Capítulo IV: TRATAMENTO DE ARQUIVOS EM BIBLIOTECAS: o caso do Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria na BAFCG	13
IV. 1. Revisão da literatura.....	14
IV. 2. Metodologia	26
IV. 3. Análise dos resultados e propostas	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
BIBLIOGRAFIA	45
LISTA DE FIGURAS	i
APÊNDICE A: LISTAGEM COM DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO DAS CAIXAS DO ARQUIVO DA BEA DA FCG	vi
APÊNDICE B: GUIÕES DAS ENTREVISTAS	ix
B.1. Entrevista na BAFCG	ix
B.2. Entrevista no MNAz	x
B.3. Entrevista no Arquivo da FCG	xi

APÊNDICE C: SÍNTESE DAS PROPOSTAS DE TRATAMENTO, ACONDICIONAMENTO E ACESSO AO ARQUIVO DA BEA.....	xii
APÊNDICE D: PROPOSTAS DE FORMATO BIBLIOGRÁFICO E UNIMARC.....	xiii
D.1. Registo principal	xiii
D.2. Registo da Colecção de recortes de imprensa	xvi
D.3. Registo da Colecção de desenhos	xviii
D.4. Registo da Colecção de palestras	xx
D.5. Registo da Colecção de fichas	xxii
D.6 Registo da Colecção “Azulejaria portuguesa”	xxiv

LISTA DE ABREVIATURAS

AACR2 - Anglo American Cataloging Rules

AAT - Art and Architectural Thesaurus

ACPC – Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea

BA - Biblioteca de Arte

BAD - Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal

CDU - Classificação Decimal Universal

CID - Ciência da Informação e Documentação

DGARQ – Direcção-Geral de Arquivos

DGLAB - Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas

DGLB - Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas

FCG - Fundação Calouste Gulbenkian

IFLA - International Federation of Library Associations and Institutions

IMC - Instituto dos Museus e da Conservação

ISAD(G) - General International Standard Archival Description

MALVINE - Manuscript and Letters Via Integrated Networks in Europe

MNAz - Museu Nacional do Azulejo

RPC - Regras portuguesas de catalogação

RTEACJMSS - Rede Temática em Estudo de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões

SIPORbase - Sistema de Indexação em Português

UNIMARC - Universal Machine Readable Cataloging

Capítulo I - INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como ponto de partida o estágio realizado na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian¹, pretendendo dar resposta às questões levantadas pelas actividades então desenvolvidas, integradas na preparação do tratamento documental do que identificámos como sendo o Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria, actualmente sob a guarda da BAFCG.

A Brigada de Estudos de Azulejaria² da Fundação Calouste Gulbenkian, criada em 1958 no seguimento de um projecto de investigação proposto pelo Engenheiro João Miguel dos Santos Simões (1907-1972), teve como objectivo recolher informações sobre a azulejaria em Portugal, nas ilhas, no Brasil, e, pontualmente, noutras regiões, para a edição da obra *Corpus da azulejaria portuguesa*³, através de um rastreio sistemático dos seus núcleos mais representativos (*J.M. Santos Simões 1997*).

A proposta inicialmente apresentada pela BAFCG no âmbito do estágio fora no sentido de desenvolver um esboço do tratamento biblioteconómico do chamado “Espólio de Santos Simões”, director da Brigada de Estudos de Azulejaria e investigador de grande importância na área das artes decorativas, nomeadamente da azulejaria. No início da avaliação da documentação, correspondendo assim à sugestão da instituição de acolhimento do estágio, percebeu-se claramente que o chamado espólio era antes o testemunho da acção desenvolvida por Santos Simões à frente da Brigada, tratando-se, assim, do arquivo oficial desta secção de estudos. Na verdade, com o avanço das pesquisas, sob orientação local da Dr^a Ana Caldeira, grande conhecedora deste núcleo documental, chegou-se à conclusão que, efectivamente, o espólio pessoal do investigador fora doado pela família ao Museu Nacional do Azulejo, instituição de que Santos Simões foi fundador e também director, encontrando-se inventariado e em fase de tratamento arquivístico.

¹ Daqui em diante designada como “BAFCG”, ou simplesmente “BA”.

² Daqui em diante designada como “BEA” ou “Brigada”.

³ Daqui em diante pode ser designado simplesmente por “*Corpus*”.

Desta forma, a problemática deste relatório de estágio sofreu uma alteração significativa, fruto das evidências surgidas aquando da análise directa da documentação, passando da integração de um espólio pessoal no fundo de uma biblioteca para uma tarefa ainda mais desafiante: a integração e comunicação de um fundo de arquivo por meio dos processos de tratamento documental disponíveis na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, até onde as especificidades da informação arquivística o permitam.

Para apresentar as reflexões desenvolvidas com vista a responder a esta problemática, começar-se-á por fazer uma breve caracterização da BAFCG, seguindo-se uma apresentação das actividades desenvolvidas durante o estágio, para depois se abordar o tema seleccionado para maior desenvolvimento – o tratamento de arquivos em bibliotecas – começando-se por estabelecer uma síntese do estado da questão na bibliografia especializada, identificando-se as principais metodologias de recolha e análise da informação pertinente para o estudo e finalizando com uma interpretação crítica dos dados e um conjunto de sugestões a colocar à disposição da BAFGC.

I. 1. Justificação e importância

A reflexão em torno do tratamento documental do arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria na BAFCG revela particular interesse tanto pelas complexas questões técnicas que levanta como pela mais-valia para o público da BAFGC.

A documentação do arquivo em estudo, que é o resultado do trabalho desenvolvido pela BEA, para além de ser de grande importância para a FCG por resgatar um capítulo importante da história da Instituição, desperta também o interesse pelo destaque de Santos Simões como investigador, historiador e autor de obras sobre a azulejaria portuguesa.

Os documentos do arquivo da BEA são também testemunhos de vários eventos, exposições, simpósios, congressos, cursos, palestras, viagens e estudos realizados no âmbito da Brigada para além dos manuscritos e provas tipográficas do *Corpus da Azulejaria* e alguns textos inéditos.

A temática do arquivo, inserida no contexto das artes visuais e decorativas, nomeadamente a azulejaria, é de grande interesse para os investigadores, sobretudo por reconstituir a história evolutiva do azulejo e servir como fonte informativa e também por revelar a metodologia de trabalho, que se compunha do inventário dos núcleos azulejares através de inquéritos, deslocação aos locais para verificar os dados recolhidos, fazendo o levantamento das informações e o registo fotográfico. As informações recolhidas eram registadas em fichas contendo a localização, época, aplicação e assuntos e a última fase consistia na compilação e organização do material (CÂMARA, 2008, p. 423-424).

Para além da temática principal do arquivo, outra característica também chama a atenção, nomeadamente a natureza da documentação, que foi produzida no âmbito das actividades de uma instituição e por essa razão está em concordância com as definições que a caracterizam como material de arquivo, apesar de pertencer à BA e de se pretender que futuramente aí venha a ser tratada e disponibilizada aos seus utilizadores. Esta questão é muito importante porque pressupõe a necessidade de cooperação entre o Arquivo da Fundação (onde se encontra uma grande parte da documentação administrativa da Brigada) e a Biblioteca de Arte, no sentido de analisar conjuntamente a documentação para tomar decisões tais como: a necessidade de separar a documentação ou de parte dela entre o Arquivo e a Biblioteca ou manter a documentação reunida num mesmo local, preservando-se assim o seu conjunto. As definições de documentação “de arquivo” e “de biblioteca” e as diferenças no tipo de tratamento documental, através de literatura especializada poderão clarificar melhor essas questões e promover a reflexão sobre a melhor forma de integração, tratamento e de disponibilização dessa documentação tão importante, beneficiando-se tanto os utilizadores da BA como preservando a história e a memória da instituição.

I. 2. Objectivos

O objectivo deste estudo será contribuir para a reflexão sobre a melhor forma de integração, tratamento e disponibilização da documentação, tendo em atenção as suas características específicas e estando de acordo com a missão da Instituição. Deste modo pretende-se avaliar o fundo documental da Brigada de Estudos de Azulejaria por meio de pesquisas bibliográficas; revisão de literatura baseada nas especificidades do arquivo;

entrevistas; análise da tipologia documental e elaboração de síntese; apresentação de propostas de formato bibliográfico e UNIMARC para inclusão do arquivo no catálogo da BA e recomendações para a destinação da documentação que não se caracteriza como documentação de biblioteca.

Capítulo II: CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DE ARTE

II. 1. Apresentação da BAFCG

A Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian é uma biblioteca especializada em artes visuais e arquitectura, de produção nacional e internacional, que disponibiliza uma variedade de recursos para pesquisa e investigação. Situada na sede da Fundação em Lisboa, foi criada em 1968 com o objectivo de abrigar os fundos documentais de apoio às actividades da Instituição e inicialmente centralizar os três fundos existentes na época:

- Fundos da Biblioteca do Palácio de Oeiras: com origem na Biblioteca particular de Calouste Gulbenkian, servindo de apoio ao estudo da sua colecção de obras de arte;
- Fundos documentais existentes na Fundação Calouste Gulbenkian: publicações editadas e subsidiadas pela Fundação, trabalhos dos bolseiros, permutas, ofertas e aquisições;
- Fundos da Biblioteca Internacional: estudos de autores estrangeiros sobre Portugal e obras de autores portugueses impressas no estrangeiro.

São missões principais da Biblioteca de Arte apoiar as actividades artísticas promovidas por outros serviços da Fundação e contribuir para o conhecimento, fruição e desenvolvimento das actividades artísticas e das actividades de formação, ensino e investigação em arte, com particular enfoque para a arquitectura e artes visuais.

No organograma da Biblioteca de Arte (Cf. Anexos, Figura 1) estão identificados os vários sectores e núcleos que compõem a BA, entre os quais destacamos as seguintes atribuições das coordenações:

- Coordenação de Gestão de processamento bibliográfico: responsável pela condução geral das actividades dos núcleos de Monografias, Periódicos, Documentos Visuais e controlo de Autoridade.
- Coordenação de Gestão de Colecções e Serviços ao Público: responsável pela condução geral das actividades dos núcleos de Referência e de leitura e Gestão das Colecções;

- Coordenação de Gestão de Sistemas de Informação e Projectos de Inovação: responsável pela coordenação geral das políticas de utilização de recursos informáticos e pelo desenvolvimento do sistema de informação e serviços (FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 2010).

II. 2. Fundo documental

Actualmente o acervo da BA é superior a 215.000 exemplares e inclui colecções particulares, um núcleo de materiais não livro, onde se destacam as obras multimédia, e as publicações periódicas. Com a integração de relevantes espólios nas áreas de arquitectura e inventários artísticos em suporte fotográfico provenientes de outros serviços da Fundação, nomeadamente a integração do Departamento de Documentação e pesquisa do CAMJAP⁴ em 2000 e do Arquivo de Arte, os fundos da Biblioteca ampliaram-se com a incorporação de outros tipos de suportes.

Integram a Biblioteca de Arte, para além do núcleo inicial, as seguintes colecções:

- Acervo que pertenceu a Viana da Mota (Música e Literatura)
- Acervo que pertenceu a Câmara Reis (Música)
- Acervo que pertenceu a Ernesto Soares (Arte)
- Acervo que pertenceu a Elias Garcia (Numismática)
- Acervo que pertenceu a Scarlati Lambrino (Arqueologia)
- Acervo que pertenceu a Luís Reis Santos (Arte)
- Acervo que pertenceu a André Brun (Teatro)
- Acervo que pertenceu à biblioteca de Alfredo Pimenta (História) [qual a diferença de pertencer a uma pessoa ou à sua biblioteca?]
- Fundo British Council (Relações históricos-literárias luso britânicas)
- Acervo que pertenceu à biblioteca de Álvaro Bordalo (Literatura do Modernismo português)
- Colecção de Literatura de Cordel
- Colecções de espólios de arquitectos, artistas plásticos portugueses e críticos de arte, nomeadamente de Cristino da Silva, Raúl Lino, Diogo de Macedo, Amadeo de Souza-Cardoso, José-Augusto França

⁴ Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão.

- Acervo fotográfico criado através de diversas proveniências, por aquisição de colecções (como por exemplo as colecções de Mário Novais e Horácio Novais) ; por doação (de que é exemplo o Legado Robert Chester Smith) ; por encomenda de inventários fotográficos de que são exemplos o *Inventário de Azulejaria em Portugal*, da autoria de J.M. dos Santos Simões e o *Inventário da Talha em Portugal*, da autoria de Robert Chester Smith.
- Fundo Internacional que reúne edições estrangeiras de obras de autores portugueses e de autores estrangeiros sobre Portugal (SILVA, 2004).

Os serviços oferecidos pela BA são: a Sala de Leitura, para consulta de obras impressas com requisição automatizada, livre acesso à obras de referência e publicações periódicas recentes e equipamentos de fotocópia e digitalização, em regime de auto-serviço; o Espaço Multimédia, com postos informáticos, postos de visionamento de vídeos e onde também se pode ter acesso aos Gabinetes de Investigação e à Sala de Leitura de Reservados; o Serviço de Referência, que orienta os utilizadores nas pesquisas na internet, na colecção de referência, e na consulta do catálogo informatizado e bases de dados disponíveis.

O catálogo bibliográfico da BA permite a consulta dos registos das colecções gerais, colecções especiais e colecções digitalizadas.

Capítulo III: ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS NA BAFCG

O estágio realizado na Biblioteca de Arte teve a duração de 120 horas, ao longo de todo mês de março de 2011, seis horas por dia, sob a orientação da Dr^a Ana Caldeira, bibliotecária responsável pelo tratamento bibliográfico de espólios que disponibilizou as informações iniciais sobre o fundo documental, sobre a Brigada de Estudos de Azulejaria e sobre Santos Simões. Também forneceu cópia da documentação interna com informações gerais sobre a Biblioteca de Arte. A orientação inicial seria apresentar uma proposta para o tratamento documental do Espólio do Engenheiro Santos Simões e para a sua integração no catálogo bibliográfico.

A documentação que actualmente se encontra no depósito da BA está acondicionada em caixotes, tubos e caixas junto a várias outras colecções e espólios à espera de tratamento (Cf. Anexos, FIGURA 2), tendo sido analisada através do contacto directo com o material e com as informações contidas na pré-inventariação em tabela em *Excel* (Cf. Anexos, FIGURA 3), elaborada pelo Dr. Jorge Resende e realizada por duas estagiárias no âmbito das Práticas Profissionais do Mestrado em CID da Universidade Nova de Lisboa (equipa formada por mim e pela aluna Maria João Nunes) com a orientação da Dr^a Ana Caldeira e da Dr^a Constança Rosa. Esse trabalho está separado em três grelhas e foi de grande importância para o trabalho proposto e para o conhecimento da documentação sob vários aspectos, nomeadamente a sua caracterização quanto à tipologia documental, estado de conservação e preservação dos itens, suportes, formatos e tamanhos, âmbito cronológico, acondicionamento do conjunto, organização prévia e quantificação dos diferentes materiais que compõem o arquivo à guarda da Biblioteca de Arte. Apenas os desenhos foram separados fisicamente, acondicionados em caixas de papel *acid free* e numerados, registando-se ainda a sua localização de acordo com a numeração e as páginas dos livros publicados durante a actividade da BEA para os quais foram criados. A pré-inventariação teve o objectivo de obter algum controlo sobre a documentação, facilitar a localização de documentos e possibilitar o planeamento do tratamento documental.

As actividades realizadas no estágio para a elaboração da proposta de tratamento documental do arquivo da BEA foram desenvolvidas de acordo com as seguintes etapas:

- Conhecimento da Instituição através de documentação interna específica para a identificação de objectivos, missão, sectores, serviços oferecidos, tipo de utilizadores e outras informações sobre a Biblioteca de Arte;

- Pesquisa e colecta de informações sobre o arquivo através de uma entrevista com a Dra. Ana Caldeira, orientadora da instituição, completada por pesquisa bibliográfica realizada na Biblioteca de Arte e na Internet, para além da pré-inventariação atrás mencionada;

- Fusão das três grelhas que inventariam a documentação, em *Excel*, reunindo-as numa só tabela;

- Síntese da tipologia documental para a definição do tipo de tratamento bibliográfico a ser aplicado, uma vez que para o tratamento biblioteconómico, os documentos são analisados individualmente ou agrupados por tipologias;

- Elaboração de listagem em *Word* (Cf. APÊNDICE A) com o conteúdo das caixas, conforme numeração original, e descrição detalhada dos documentos, retirada das tabelas em *Excel*. A listagem em *Word* facilita a identificação do conteúdo das caixas e a localização dos documentos nesta fase em que o arquivo ainda não foi alvo de tratamento;

- Identificação, pesquisa e consulta das normas aplicadas na Biblioteca de Arte ao tratamento dos espólios e aos materiais identificados no arquivo, nomeadamente as “Políticas de processamento bibliográfico” e as “Notas técnicas”;

- Pesquisa na base de dados dos registos bibliográficos dos espólios existentes na BA e a identificação dos campos UNIMARC mais utilizados. Para isso foi permitido o acesso ao Horizon através de senha de estagiário fornecida pela Dr^a Ana Caldeira.

As principais fontes normativas e de pesquisa identificadas como fundamentais para o tratamento documental foram: as RPC; as AACR2; o Manual UNIMARC; a CDU; o SIPORbase; o AAT; o Consórcio MALVINE; os catálogos *on-line* da Biblioteca Nacional de Portugal, da Library of Congress e das principais bibliotecas de arte do mundo.

A pesquisa foi realizada em documentação fornecida pela instituição, na página web da BA (FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 2011) e na bibliografia disponível sobre

o assunto, permitindo assim um melhor conhecimento da Fundação, da Biblioteca de Arte, da Brigada de Estudos de Azulejaria e do fundo documental.

Esta fase de pesquisa permitiu conhecer a história da Instituição desde a sua fundação, a missão, os objectivos, os serviços oferecidos pela Biblioteca de Arte, o seu funcionamento, a par da tentativa de situar a Brigada de Estudos de Azulejaria historicamente, realçando o papel desempenhado dentro da Fundação Calouste Gulbenkian, bem como o interesse dos estudos e metodologia de trabalho adoptados pela Brigada para os utilizadores da Biblioteca de Arte.

A pesquisa revelou também que a temática do arquivo e os estudos realizados pela Brigada são de grande interesse para os utilizadores por estarem inseridos no âmbito das artes visuais e decorativas, e por isso estarem de acordo com a especialização da Biblioteca de Arte.

III.2 Fundo documental do arquivo da BEA

O fundo documental resultante das actividades da Brigada está acondicionado em caixas, pastas, dossiês e tubos.

A partir da análise da tipologia documental da pré-inventariação, observou-se que o arquivo é constituído de: provas tipográficas; documentos administrativos; correspondência; recortes de imprensa; documentos de cursos, palestras, reuniões e exposições; desenhos de azulejos; fotografias, ilustrações, negativos, diapositivos e cassetes sonoras.

Não é possível ainda quantificar o número de documentos existentes com base na pré-inventariação do fundo documental, pois alguns documentos foram contabilizados como documentos individuais, por estarem soltos e outros documentos que estavam em pastas, dossiês e envelopes foram contabilizados como séries documentais. Muitos documentos que estão soltos podem ter sido retirados das suas séries para exposições ou para consulta.

As provas tipográficas são em sua maioria partes de livros da colecção de monografias *Corpus de azulejaria portuguesa*, manuscritos, dactilografados, impressos, algumas com correcções e anotações manuscritas por Santos Simões.

Os documentos administrativos são os documentos relativos ao serviço de pessoal, apontamentos do Serviço de Belas Artes, ordem de crédito, orçamentos anuais, facturas das oficinas gráficas e demais documentos contabilísticos.

A correspondência versa sobre assuntos diversos, podendo ser organizada da seguinte maneira, tentando reconstituir os principais tipos de remetentes e destinatários:

- Da Brigada para FCG
- Da Brigada para terceiros
- De terceiros para a Brigada
- Outros (a definir posteriormente, caso se revele necessário)

Os recortes de imprensa são em sua maioria reportagens e testemunhos das palestras, cursos, conferências apresentadas por Santos Simões como representante da FCG e da Brigada em diversos jornais de Portugal, Ilhas e de outros países, sendo, portanto, muito importantes para a reconstituição da história da Brigada e das actividades desenvolvidas. Trata-se de reportagens colecionadas por Santos Simões e distribuem-se por várias unidades de instalação.

Os documentos relativos aos cursos, palestras, reuniões e exposições registam a organização desses eventos através de relatórios, folhetos, convites, entre outras tipologias documentais.

Os desenhos são em sua maioria aguarelas a cores dos padrões dos azulejos, desenhados por Emílio Guerra de Oliveira especialmente para a elaboração do *Corpus*, encontrando-se em bom estado de conservação e a sua identificação corresponde à nomenclatura e numeração existente no livro. Estão acondicionados em caixas, sinalizadas a lápis com a numeração original conservada, trabalho efectuado pelas estagiárias referidas acima, no âmbito das práticas profissionais.

As cassetes sonoras contêm registos das palestras e cursos apresentados por Santos Simões, em diversos lugares, como representante da Brigada e da FCG e estão acondicionadas em caixas.

As fotografias, ilustrações, negativos e diapositivos representam imagens de azulejos e de conjuntos azulejares recolhidas nas diversas viagens de investigação de Santos Simões para a elaboração dos livros editados no âmbito da Brigada.

As fichas constituem registos dos núcleos azulejares acondicionadas em ficheiros metálicos, com informação da localização, época, tipo e temática e serviram de grelha para a edição do *Corpus de azulejaria portuguesa*.

Capítulo IV: TRATAMENTO DE ARQUIVOS EM BIBLIOTECAS: o caso do Arquivo da Brigada de Estudo de Azulejaria na BAFCG

O arquivo da BEA é o testemunho das actividades desenvolvidas no âmbito da Brigada de Estudos de Azulejaria, e por esse razão tem a característica de documento de arquivo, mas encontra-se actualmente sob a guarda da Biblioteca de Arte, e essa constatação obrigou-nos a uma melhor reflexão sobre o tratamento mais adequado a esse fundo documental, respeitando-se a sua proveniência e a relação existente entre os documentos, que são informações importantes para a própria história da FCG, mas que também despertam grande interesse pela importância da Brigada e dos estudos de Santos Simões para o estudo da azulejaria portuguesa.

Para além da documentação contida nas caixas onde se encontra o arquivo, a FCG tem sob a sua guarda: a Coleção fotográfica “Azulejaria Portuguesa”, constituída pelos registos fotográficos dos núcleos azulejares, realizados por Santos Simões nas suas viagens de pesquisa e estudo para elaboração do *Corpus*, e que já está registada, digitalizada e disponível *on-line* a partir do catálogo da BA, para consulta e acesso no Sector Multimédia; cerca de 3 mil fichas de registos de azulejos acondicionadas em arquivo de ferro, em depósito; a documentação administrativa da Brigada, que está no Arquivo da Fundação.

A documentação do arquivo da BEA deverá estar integrada e relacionada com todo este contexto documental que a Brigada abrange.

Actualmente o arquivo encontra-se descrito no catálogo bibliográfico apenas com informações mínimas (Cf. Anexos, FIGURA 4)

A partir das pesquisas e informações colectadas da definição do que é documento “de arquivo” e documento “de biblioteca” é que se fará o planeamento do destino do arquivo, a melhor forma de integração no catálogo e as decisões necessárias, nomeadamente:

- As recomendações específicas para o processamento bibliográfico deste arquivo em particular, respeitando-se as suas relações com os outros documentos e colecções

- Decisão de desbaste
 - Transferência de parte da documentação para o Arquivo da Fundação
 - Transferência de suporte
 - Espaço que irá ocupar
 - Necessidade de acondicionamentos especiais
 - Os tipos de documentos que deverão estar disponíveis *on-line*
 - As normas (internas e externas que serão aplicadas) nos moldes dos outros fundos
- As informações que deverão constar do registo bibliográfico para ser incorporado no catálogo.

IV. 1. Revisão da literatura

A análise da documentação do Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria mostrou-nos que a documentação, apesar de ser tratada como documentação de biblioteca, possui características de documentação de arquivo, daí a necessidade de compreensão dos conceitos tanto na área da Arquivística quanto na área da Biblioteconomia, para que estas questões possam ser clarificadas. Primeiramente é importante destacar que tanto a Biblioteconomia quanto a Arquivística têm como objecto de trabalho e de estudo a informação, e fazem parte de uma mesma área científica - a Ciência da Informação. Outro aspecto a considerar é que apesar da diferença do método de tratamento documental, tanto as bibliotecas quanto os arquivos contribuem para a disponibilização da informação e possuem objectivos comuns. Da cooperação entre as duas áreas podem resultar benefícios tanto para a instituição em causa - a Fundação Calouste Gulbenkian - quanto para os utilizadores da Biblioteca de Arte.

Logo nas pesquisas iniciais sobre o tema de tratamento de arquivos e espólios, encontrámos tanto tratamento bibliográfico como arquivístico, muitas vezes do mesmo tipo de documentação, como por exemplo, as coleções fotográficas que existem tanto

em arquivos quanto em bibliotecas, como podemos verificar na própria FCG, em que o acervo arquivístico inclui “fotografias, desenhos técnicos e artístico, registos áudio e audiovisuais e objectos “(VIEIRA, 2008), por isso houve a necessidade de se pesquisar mais profundamente para perceber as diferenças no tratamento documental e nos aspectos conceituais das duas disciplinas ligadas as estas práticas – a Arquivística e a Biblioteconomia.

Constatámos igualmente que a existência de arquivos em bibliotecas é bastante comum, exigindo uma convergência de competências para as quais a maioria dos cursos de formação não preparam os profissionais de bibliotecas. Isto mesmo reconhece Albert Poirot (2001), ao tentar traçar um interessante diagnóstico da situação em França, que infelizmente ainda não encontrou paralelo para o caso português. Como refere o autor, no caso francês a legislação prevê uma distribuição das responsabilidades entre a *Direction des archives de France* e a *Direction du livre et de la lecture*, cabendo à primeira as correspondências científicas e administrativas e à segunda as literárias e artísticas, o que não tem impedido de, no terreno, se encontrarem várias situações que contrariem a letra da lei. Assim, por força das circunstâncias e da tradição de algumas instituições, foram-se acumulando fundos de arquivo em várias bibliotecas municipais, em bibliotecas universitárias, em sociedades académicas, em bibliotecas de museus e na Biblioteca Nacional de França.

Procurando na legislação portuguesa uma orientação análoga quanto às responsabilidades da DGARQ ou da DGLB (agora DGLAB, mas ainda não regulamentada), notamos que as responsabilidades destes organismos não estão definidas de forma tão clara nem com tão grande nível de pormenor (Decreto-Lei n.º 92/2007 e Decreto-Lei n.º 93/2007). Já a Lei de Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/2001), ainda que de forma indirecta, pode contribuir melhor para esta distinção, por meio das definições de património bibliográfico e arquivístico que avança:

Artigo 80º: Conceito e âmbito do património arquivístico

- 1 - Integram o património arquivístico todos os arquivos produzidos por entidades de nacionalidade portuguesa que se revistam de interesse cultural relevante.
- 2 - Entende-se por arquivo o conjunto orgânico de documentos, independentemente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou colectiva, ou por um organismo público ou privado, no exercício da sua actividade e conservados a título de prova ou informação.

Artigo 85º: Património bibliográfico

1 — Integram o património bibliográfico as espécies, colecções e fundos bibliográficos que se encontrem, a qualquer título, na posse de pessoas colectivas públicas, independentemente da data em que foram produzidos ou reunidos, bem como as colecções e espólios literários.

Estes dois artigos confirmam os espólios literários como património eminentemente bibliográfico e os conjuntos documentais produzidos para prova ou informação de uma actividade pública ou privada como património arquivístico, o que concorre para nos ajudar a definir a documentação da BEA que pretendemos analisar.

Para compreendermos os conceitos básicos relativamente aos dois campos de estudo em questão, destacamos também as definições apresentados por Alves e Souza (1993), por Faria e Pericão (1999) e na NP 4041:

Espólio: Conjunto de documentos de diversa natureza (de arquivo, bibliográficos, museológicos, papéis pessoais) que pertenceram a uma pessoa singular ou colectiva. (ALVES; SOUZA, 1993 p 44. e NP4041, p. 5)

Documento bibliográfico: Documento ou conjunto de documentos em qualquer formato, editados, publicados ou tratados como uma entidade e que constituem, como tal, a base de uma única descrição bibliográfica (FARIA; PERICÃO, 1999 p. 203)

Documento de arquivo: Documento de qualquer natureza ou sobre qualquer suporte material que uma pessoa, entidade ou organismo criou ou recebeu e conservou em virtude das suas funções ou das suas actividades, para assegurar a prova de um facto ou a acção, ou simplesmente a título de informação. Deve conservar-se permanentemente o mais próximo possível da sua forma original, como testemunho bibliográfico ou de qualquer outro tipo; é a mais pequena unidade arquivística indivisível e pode ser constituído por um ou mais documentos simples. (FARIA; PERICÃO, 1999, p.203)

Antes de avançarmos para as implicações práticas da distinção que cremos existir entre material de biblioteca e material de arquivo, importa ter presente algumas questões teóricas prévias, que se prendem com as mais recentes reflexões epistemológicas em torno desta área científica. Mesmo entre os especialistas, não é consensual a perspectiva que se tem da própria disciplina, desde logo pela variedade de nomenclaturas que assume nos cursos ministrados em Portugal, conforme se verifica na página *web* da BAD (2011) sobre a oferta da formação disponível, que não é muito esclarecedora sobre os conteúdos e o tipo de formação que são oferecidos.

Silva (2006, p. 137-138) apresenta definições de arquivo e biblioteca no capítulo que trata da terminologia essencial para a área de Ciência da informação:

Arquivo - (1) serviço criado organicamente numa determinada entidade e/ou uma instituição cultural (Arquivo de âmbito nacional, distrital ou municipal, público ou privado) destinada a incorporar e tornar acessível informação produzida/recebida por terceiros; e (2) sistema semi-fechado de informação produzida/recebida por uma entidade activa (ou desactivada) no decurso da sua actividade em cumprimento dos seus objectivos gerais e específicos.

Biblioteca - (1) serviço criado organicamente numa determinada entidade e/ou instituição cultural (Biblioteca de âmbito nacional, distrital ou municipal, pública ou privada) destinada a incorporar e tornar acessível informação editada e posta a circular pelo mercado editorial-livreiro, bem como publicada e distribuída por entidades com objectivos e actividades específicas. [...]; e (2) sistema (semi-fechado ou semi-aberto) de informação recebida por uma entidade activa criada e vocacionada para facilitar e promover o acesso e difusão desses conteúdos acumulados.

Não se contentando com a visão mais tradicional de arquivos e bibliotecas enquanto serviços, Malheiro da Silva e Fernanda Ribeiro (2002) apresentam-os também enquanto sistemas de informação, entendendo a informação como objecto da Ciência da Informação e “o conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada” (SILVA; RIBEIRO 2002 p. 37). Distinguindo-se, sem se separar, quer do conhecimento quer da comunicação, a informação constitui-se não como uma substância indefinida e etérea, mas sim como um fenómeno (humano e social) susceptível de ser conhecido cientificamente (SILVA; RIBEIRO 2002, p. 43). A Ciência da Informação, por sua vez, é defendida por Silva (2006, p.140) como uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamentos informacionais (origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação). Trabalhos posteriores destes dois autores da Universidade do Porto, têm continuado a contribuir para clarificar esses conceitos, afirmando que a Ciência da Informação é um campo de saber uno e transdisciplinar, inscrito na vasta área das ciências sociais e humanas, o qual

congrega e dá suporte teórico a diversas disciplinas aplicadas, desde a Arquivística e a Biblioteconomia/Documentação aos Sistemas Tecnológicos de Informação (RIBEIRO, 2004).

As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação foram discutidas por Jardim e Fonseca (1992), considerando que ainda que a informação registada fosse contemplada por ambas as disciplinas, não se observavam na bibliografia internacional evidências de um relacionamento sistemático entre a Arquivística e a Ciência da Informação, ressaltando os seguintes obstáculos à realização da interdisciplinaridade: as resistências dos especialistas à interação; a inércia das instituições de ensino e pesquisa que insistem na especialização; a pedagogia que acentua a repartição das disciplinas em fronteiras rígidas; o não questionamento das actuais relações entre as chamadas ciências humanas e as ciências naturais (JARDIM; FONSECA, 1992 p. 32). Seguindo o direccionamento de Jardim e Fonseca, na discussão das relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação, Silva *et alia* (1999) apresentam o contexto histórico e o desenvolvimento da Arquivística e o processo informacional relativamente aos arquivos e, Silva e Ribeiro (2002) avançam na proposta dos fundamentos epistemológicos da Arquivística incluída no campo da dinâmica transdisciplinar da Ciência da Informação. A proposta de Silva e Ribeiro (2002) conduz ao deslocamento de um cenário de interdisciplinaridade para outro, mais profundo e radical, de transdisciplinaridade, no qual a Arquivística é convocada para construir uma Ciência da Informação unitária, envolvendo-se e misturando-se e até fundindo-se com a Biblioteconomia, a Documentação e os Sistemas Tecnológicos de Informação, de forma a que a Ciência da Informação, sem perder a sua interessante vocação interdisciplinar no campo das Ciências Sociais, consiga afirmar-se teórica e academicamente como uma ciência com identidade própria, dentro do paradigma das ciências pós-modernas (MASSON, 2006).

Entretanto Fonseca (2004) considerou que embora alguns dos principais pensadores da Ciência da Informação tenham omitido a Arquivística como disciplina com relações interdisciplinares, e a Arquivística por sua vez, não considere a CI como área afim, tais relações parecem bastante óbvias, quando se identifica a informação como elemento central do conjunto de objectos de que ambas se ocupam. Fonseca considera que a identificação dos interesses comuns entre a Arquivística e a Ciência da

Informação pode contribuir para que a Arquivística se consolide como campo disciplinar autónomo e independente e que se observa uma pauta renovadora das reflexões dentro da área Arquivística.

O estudo desses autores muito pode contribuir para a discussão sobre o tema do tratamento de documentos de arquivo em bibliotecas porque suas propostas giram em torno das relações entre a Ciência da Informação e as suas fronteiras com outras disciplinas, nomeadamente a Arquivística e a Biblioteconomia, temática bastante pertinente ao levantamento teórico que o arquivo da Brigada nos obrigou.

Mesmo reconhecendo que a Arquivística e a Biblioteconomia possuem pontos em comum, devemos, no entanto apontar as diferenças teóricas e práticas que caracterizam as duas disciplinas e que poderão orientar de forma mais clara ao nível da pertinência do tratamento de documentos de arquivo em biblioteca e de como podemos justificar o tratamento da documentação da Brigada de Estudos de Azulejaria (ou parte da documentação) na Biblioteca de Arte.

No campo teórico, Silva e Ribeiro (2002) numa proposta de construção científica, apresentam uma perspectiva unitária e sistêmica da Ciência da Informação em que os sistemas são distribuídos por duas grandes classes: os organizados ou operatórios e os não organizados ou combinatórios (p.96). Os sistemas organizados ou operatórios compreendem uma estrutura formada por órgãos (exemplos: o corpo humano, o relógio, o automóvel, que etc.), características apresentadas pelos arquivos, cujos documentos são tratados segundo as suas funções e as relações com a instituição que os produziu e, portanto o seu valor só se verifica neste contexto. Por outro lado, a estrutura das bibliotecas se identifica com os sistemas não organizados ou combinatórios, em que não é necessário o reconhecimento de relações organizativas entre os seus elementos, isto é, o valor e o tratamento documental não dependem das suas relações com outros documentos ou com a instituição que os produziu e podem ser tratados, disponibilizados e recuperados individualmente ou por tipologia documental (ou colecções).

As diferenças das práticas profissionais no tratamento documental entre arquivos e bibliotecas fundamentam-se em dois grandes eixos complementares, nomeadamente: os fundos e as instituições que os abrigam. “A diferenciação se apóia na distinção de tipos (e suportes) documentais, metodologias de organização decorrentes

dessa distinção e, finalmente, supõe o trabalho de organização da informação sempre adequado aos objectivos institucionais [...]” (SMIT, 2003).

Para além da diferenciação no tipo de tratamento, o que determinará a sua distinção será a função atribuída à informação. O documento que é objecto da Biblioteconomia cumpre sua função quando é utilizado, lido ou consultado por alguém em algum momento, ao passo que no âmbito da Arquivística os documentos são produzidos em decorrência natural das actividades da instituição e armazenados para provar, testemunhar ou informar sobre estas actividades (SMIT, 2003).

O célebre arquivista Theodor R. Schellenberg (2002) traçou um paralelo entre biblioteca e arquivo, evidenciando as diferenças nos fundos e nos métodos utilizados em cada área. Este estudo já clássico, editado em 1956, é bastante esclarecedor para as nossas questões e por esse motivo nos deteremos mais longamente nas suas considerações. De acordo com Schellenberg, as diferenças observadas entre os materiais de biblioteca e de arquivo referem-se ao modo pelo qual se originam e ao modo pelo qual entraram nas respectivas custódias (SCHELLENBERG, 2002, p. 43).

Uma das características principais dos fundos de arquivos é terem sido produzidos ou acumulados no âmbito das actividades funcionais de uma instituição e grande parte do seu valor depende da relação orgânica que mantêm, quer entre si, quer com a própria instituição, considerando o seu valor cultural como não necessário ou intrínseco à sua natureza. Ao contrário, os fundos de biblioteca visam principalmente fins culturais, constituindo-se, geralmente, por peças individuais cujo valor é independente da sua relação com os outros materiais (SCHELLENBERG, 2002, p.43).

As diferenças observadas por Schellenberg relativamente ao modo pelo qual os documentos entraram nas respectivas custódias apontam que os arquivos são órgãos receptores e as bibliotecas são órgãos coleccionadores. Um arquivo, seja instituição oficial ou privada, é criado com o objectivo de preservar os expedientes da organização a que serve e deste modo deve receber apenas os documentos produzidos por essa instituição (SCHELLENBERG, 2002, p. 45). Nas bibliotecas os materiais são coleccionados e estas podem receber materiais de diversas procedências ou fontes, mesmo que sobre assuntos específicos.

Quanto aos métodos de tratamento documental, Schellenberg também destacou diferenças nas técnicas empregadas. A primeira das diferenças apontadas refere-se à avaliação e selecção: ao analisar o valor dos documentos produzidos por uma instituição – categoria fundamental para decidir da selecção e preservação dos documentos - o arquivista não considera o valor de um documento individualmente como uma carta, um relatório ou qualquer outro documento, antes faz a análise do documento em relação aos outros, isto é, em relação à totalidade da documentação resultante da actividade que o produziu, e selecciona os documentos para a preservação num conjunto de documentos e não como documento único, mais em relação à função e à organização do que ao assunto e os seus documentos geralmente são únicos e o arquivista deve estar bem seguro na sua análise, da organização e funcionamento do organismo com o qual trata e ter amplo conhecimento das prováveis necessidades e interesses de pesquisa (SCHELLENBERG, 2002, p.48).

A análise feita por um bibliotecário, ao contrário, avalia o material a ser adquirido isoladamente, envolvendo questões de conveniência e de necessidades da biblioteca e dos seus utilizadores e não de preservação e de perda total de conteúdos.

A diferença relativamente aos métodos de tratamento documental empregados por arquivistas e bibliotecários refere-se à sua organização. O documento de arquivo organiza-se de acordo com a sua proveniência e em relação com as funções da entidade criadora. O arquivista deve estabelecer uma classificação ditada pelas circunstâncias originais da criação. O lugar de cada unidade de arquivo, geralmente um grupo ou série, só pode ser decidido em relação às outras unidades produzidas por um determinado órgão, enquanto que o documento de biblioteca é agrupado em diversas unidades segundo um sistema lógico predeterminado, contando com a atribuição de símbolos que passam a orientar a sua posição relativa nas estantes (SCHELLENBERG, 2002, p.48-49).

Relativamente à normalização, no domínio das bibliotecas, essa necessidade se impôs desde os finais do século passado, tendo seguido em vários países regras e princípios de catalogação, sendo que no domínio dos arquivos esta vertente tardou muito mais a desenvolver-se. Contudo, é a introdução de meios informáticos no trabalho dos arquivistas que vem “impor maior disciplina na forma de apresentar os

dados descritivos, condição essencial para se conseguirem pesquisas com sucesso (SILVA, 2003, p. 187).

Albuquerque e Murguia (2010) apresentam algumas aproximações e diferenças na descrição de documentos fotográficos no âmbito da sua descrição em arquivos e bibliotecas e fazem algumas comparações entre a AACR2, utilizadas para a descrição bibliográfica em bibliotecas, onde os profissionais encontram uma série de regras especificamente para descrever documentos e a norma ISAD(G) que por sua vez, é o conjunto de regras para a descrição arquivística, que é o resultado dos esforços colectivos para padronizar terminologias e procedimentos de tratamento dos documentos de arquivo. Consideram também que a evolução tecnológica trouxe a possibilidade de transpor os dados que fazem parte da catalogação bibliográfica e da descrição arquivística para um formato que fornece a recuperação das informações em meio eletrónico, tornando assim os serviços mais rápidos e compartilháveis com outras instituições. O quadro abaixo apresenta as características da descrição bibliográfica, feita através do AACR2, e arquivística onde a ISAD(G) é utilizada, segundo Albuquerque e Murguia (2010, p. 38):

Visualização das áreas em arquivos e bibliotecas

	ARQUIVO	BIBLIOTECA
Níveis	Centrado na tipologia documental	Centrado no utilizador
Autoria	Gênese, origem, unidade produtora	Responsabilidade individual
Título	Do fundo	Da obra
Descrição física	Pouca ênfase	Evidente
Interpretação	Ênfase no contexto	Ênfase no conteúdo
Interfaces	Instrumentos de pesquisa	Ficha seja manual ou eletrónica
Tratamento	Serial	Individual
Disponibilidade	Centrada na fonte	Centrada no utilizador

Ainda que a proposta do Relatório de Estágio seja uma proposta biblioteconómica, convém que também sejam apresentados alguns fundamentos que

são a base da disciplina arquivística, nomeadamente os apresentados por Rousseau e Couture (1998), uma vez que a documentação da Brigada de Estudos de Azulejaria é marcadamente de natureza arquivística.

Rousseau e Couture (1998), na sua conhecida síntese da disciplina arquivística retomam os três princípios que constituem o fundamento da disciplina arquivística, nomeadamente o princípio da territorialidade, o princípio da proveniência e da abordagem das três idades. Destes três princípios é o princípio da proveniência que segundo Rousseau e Couture é a base teórica, a lei que rege todas as intervenções arquivísticas e o respeito a este princípio, na organização e no tratamento dos arquivos qualquer que seja a sua origem, idade, natureza ou suporte, garante a constituição e a plena existência da unidade de base em arquivística, a saber, o fundo de arquivo (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 79). Segundo estes autores, as vantagens da aplicação do princípio da proveniência garantem a integridade administrativa dos arquivos e o pleno valor de testemunho dos documentos de um fundo de arquivo, considerando-se a natureza dos documentos a tratar, as particularidades de funcionamento do organismo a que eles dizem respeito, os grandes conjuntos de documentos em vez de documentos a peça, criando deste modo conjuntos mais fáceis de gerir, para além de favorecer a recuperação da informação, maximizar o processo de gestão de arquivos e eliminar a possibilidade de dispersão dos documentos. (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 84)

Avançado agora para um breve levantamento de casos práticos, percebemos que, qualquer que seja a nossa tomada de posição teórica face à divergência ou convergência entre Biblioteconomia e Arquivística, o confronto com a realidade também não nos permite uma visão linear do problema. Desde logo, e como vimos para o caso francês retratado por Albert Poirot (2001), a existência de arquivos em bibliotecas é mais comum do que à primeira vista poderíamos esperar. Para a situação portuguesa, o caso da Biblioteca Nacional de Portugal é talvez o mais conhecido. Nesta instituição, com o chamado Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (ACPC), constituído de espólios literários e manuscritos avulsos, procuraram-se mecanismos que permitissem salvaguardar, preservar, restaurar e divulgar inúmeros documentos de valor inestimável para o estudo da história cultural e política de Portugal no século XIX e XX. A organização do Arquivo foi feita através das descrições de séries

arquivísticas. Estes arquivos são testemunhos do processo de criação e nas palavras de António Braz de Oliveira, que contribuiu para a concretização deste projecto: “há-de reflectir a actividade literária da personalidade que lhe dá o nome, com os respectivos manuscritos, mas também a sua intervenção cultural, profissional, cívica, bem como o seu universo relacional e familiar”(OLIVEIRA, 1992).

A Biblioteca Nacional de Portugal participa com o ACPC do projecto europeu MALVINE, um serviço em linha de pesquisa para manuscritos pós-medievais, localizado na Biblioteca Estadual de Berlim e mantido por um consórcio europeu de bibliotecas, arquivos e museus, que disponibiliza informação acerca da natureza e localização de manuscritos conservados num vasto número de instituições de património cultural (MALVINE, 2011). Segundo Oliveira (1999, p. 10), “um dos maiores benefícios para Portugal como parceiro do projecto MALVINE é o de abrir as portas para a constituição de uma rede nacional de informação sobre espólios literários guardados em diferentes bibliotecas, arquivos, museus e outras instituições públicas ou privadas”.

Outro exemplo de integração é o projecto Arquivo & Biblioteca da Fundação Mário Soares em que há possibilidade de pesquisa na página *web* (FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES, 2011) tanto na biblioteca como no arquivo para os documentos que se encontram em suporte digital, alargando e enriquecendo bastante o campo de pesquisa e possibilitando o maior conhecimento dos fundos existentes tanto na biblioteca como no arquivo.

Na Biblioteca Nacional do Brasil, para responder à problemática gerada pela necessidade de controlo, processamento automatizado, disponibilização e intercâmbio de registos relativamente aos fundos arquivísticos, criou-se uma estrutura de descrição que utiliza o formato MARC21, da Library of Congress, na codificação das bases de dados e a organização segundo a norma ISAD(G), norma geral internacional de descrição arquivística. Essa compatibilização demandou vários estudos sobre as correlações do tratamento arquivístico e do biblioteconómico, gerando um modelo de metadados que busca integrar os conceitos utilizados na Arquivística e na Biblioteconomia de forma a contemplar as necessidades de descrição identificadas no acervo de manuscritos da Biblioteca Nacional (MORENO; MARTINS, 2005, p.36)

No cenário indiano, KATRE (2011) e PRASAD (2011) defenderam a ideia da criação de consórcios, num trabalho conjunto de digitalização e disponibilização de colecções digitais de diferentes instituições de património cultural, nomeadamente as bibliotecas, os arquivos e os museus de modo integrado. Entretanto, em sua análise, Katre concluiu que essas instituições ainda estão em diferentes estágios de desenvolvimento relativamente aos métodos de preservação digital e propõe um conjunto de acções para solucionar essas questões e entre elas destacamos: incluir a preservação digital nos currículos dos cursos de bibliotecas, arquivos e museus; desenvolver cursos de preservação digital integrados para os profissionais de bibliotecas, arquivos e museus; desenvolver padrões de interoperabilidade de dados, desenvolver e sustentar objectivos e interesses comuns para manter o ciclo de vida da preservação digital e a criação de sociedade profissional ou um fórum para unir os profissionais de bibliotecas, arquivos e museus.

O arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria, pela sua característica marcadamente arquivística será sem dúvida um fundo documental bastante diverso das outras colecções e espólios que constituem os fundos da Biblioteca de Arte, e constitui uma oportunidade de reflexão sobre as fronteiras existentes entre a Biblioteca de Arte e o Arquivo da Fundação, que não são intransponíveis, considerando os relatos de outras instituições que encontraram soluções a partir da cooperação entre os dois segmentos, apoiados principalmente pelo meio digital e estrutura tecnológica para disponibilização dos fundos.

Na FCG a cooperação entre a Arquivo e a BA já existe e está relacionada entre os projectos e actividades do programa arquivístico da FCG, criado em 2003. O referido programa inclui: “Apoio técnico-científico a projectos de tratamento arquivístico desenvolvidos no âmbito da Biblioteca de Arte”, a equipa técnica é composta de arquivistas, bibliotecário, auxiliares técnicos e consultor (VIEIRA, 2008) e para além disso, os materiais do Arquivo são consultados, quando solicitados por investigadores, na área de reservados da BA, pois o Arquivo não possui uma área reservada para esse fim.

Referindo-se ao acervo arquivístico da Fundação Calouste Gulbenkian, Vieira (2008) considera que “ para além do valor administrativo primário e secundário que evidenciam para própria Fundação estes arquivos revestem-se do maior interesse para a sociedade, na medida em que se constituem como fonte de estudo e investigação técnico-científica em diversos domínios, [...]”.

IV. 2. Metodologia

Dada a inexistência de estudos que já tenham reflectido sobre a situação que nos ocupa, optámos por uma abordagem exploratória, que tem o objectivo de reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema ou questão de pesquisa com pouco ou nenhum estudo anterior, e não costuma produzir resultados muito conclusivos ou respostas para determinados problemas, mas indica pesquisas futuras. As metodologias consideradas mais adequadas à pesquisa exploratória são: o estudo de caso, a observação e a análise histórica, além do levantamento em fontes secundárias, como informações bibliográficas e documentais (MUELLER, 2007, p.25).

A metodologia utilizada para o levantamento de dados, a análise e as propostas de tratamento da documentação da BEA , seguiu as seguintes etapas:

- Entrevistas na área de espólios da Biblioteca de Arte; no Museu Nacional do Azulejo e no Arquivo da FCG, através de guião de entrevista semi-estruturada (Cf. Apêndices, B.1, B.2, B.3);
- Pesquisa sobre Santos Simões e sobre a Brigada de Estudos de Azulejaria em literatura específica;
- Levantamentos e confronto de espólios tratados na Biblioteca de Arte com base no catálogo bibliográfico;
- Levantamentos de outras experiências de tratamento de arquivos em bibliotecas;
- Revisão de literatura com base no levantamento de conceitos relativamente à áreas de Arquivística e Biblioteconomia e as principais diferenças e aproximações entre as duas vertentes;

- Consulta da literatura normativa e políticas aplicadas às tipologias documentais do arquivo da Brigada utilizadas na Biblioteca de Arte.

Todas estas etapas foram importantes para a elaboração da proposta de tratamento bibliográfico e para a identificação e caracterização do conjunto documental como documentação de arquivo. As entrevistas à Dr^a Ana Caldeira, responsável pelo tratamento biblioteconómico dos espólios e colecções que estão sob a guarda da BA, orientadora do estágio na Biblioteca de Arte e grande conhecedora do arquivo da Brigada, para além da orientação sobre a prática da BA no tratamento documental, deu-nos as primeiras pistas para o encaminhamento teórico do relatório pois esclareceu as origens, a importância e a relação da Brigada de Estudos de Azulejaria com a Fundação e também o interesse do arquivo para o estudo da azulejaria portuguesa e para os investigadores sobre esse tema.

A revisão de literatura foi baseada no levantamento de conceitos relativamente às áreas da Arquivística, da Biblioteconomia e da própria Ciência da Informação. As principais diferenças e aproximações entre as duas vertentes foram evidenciadas na bibliografia especializada disponível, onde esta discussão se mantém muito actual e dinâmica.

Com o levantamento das normas e políticas aplicadas aos casos mais semelhantes com o do arquivo da Brigada procurou-se estabelecer e reflectir criticamente sobre a prática do tratamento documental na Biblioteca de Arte, com destaque para as opções feitas a partir dos principais manuais utilizados para o tratamento biblioteconómico, nomeadamente o Manual UNIMARC, a CDU, as RPC, as fontes normativas e outros.

IV.3. Análise dos resultados e propostas

O ponto de partida para o conhecimento do Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria foi a colecta de dados e informações obtidas através de entrevistas, primeiramente com a Dr^a Ana Caldeira, responsável pelo tratamento bibliográfico dos espólios da Biblioteca de Arte e orientadora local do estágio, logo a seguir com o

Bibliotecário do Museu do Azulejo e posteriormente com a Dr^a Mafalda Aguiar, responsável pelo Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

As primeiras informações sobre o Arquivo da Brigada foram dadas pela Dr^a Ana Caldeira, que nos informou sobre o tema do Arquivo, a azulejaria, que se trata de um tema de grande interesse para a Biblioteca de Arte por estar inserido nas Artes Visuais e Decorativas e sobre a principal figura do arquivo, o investigador e director da Brigada de Estudos de Azulejaria, José Miguel dos Santos Simões, que, para além de ser o autor do *Corpus da azulejaria portuguesa*, editado no âmbito da Brigada, organizou e promoveu cursos, palestras e exposições como representante da Fundação Calouste Gulbenkian, o que foi o primeiro indício de que na verdade estávamos diante do Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria e não do espólio de Santos Simões. A Dr^a Ana Caldeira também nos informou que o espólio pessoal do investigador foi doado pela família ao Museu Nacional do Azulejo, instituição da qual Santos Simões foi o idealizador e primeiro director.

As entrevistas feitas na Biblioteca de Arte aconteceram em vários momentos no período do estágio, quando foram surgindo questões relativas à documentação e aos vários aspectos que deveriam ser abordados no tratamento do Arquivo, mas elaborámos um guião (Cf. APENDICE B.1) com algumas perguntas que foram respondidas não só pela Dr^a Ana Caldeira, mas também pela Dr^a Constança Rosa, bibliotecária responsável pela conservação e restauro, e pelo Dr. Paulo Leitão, responsável pelo Sector de Gestão de Sistemas de Informação na BA. A contextualização histórica e temática do arquivo, explanada pela Dr^a Ana Caldeira, deu-nos as primeiras pistas para a caracterização da documentação como material de arquivo. A informação de que para além da documentação que se encontra nas caixas, existem outros materiais relacionados com o arquivo da Brigada e com Santos Simões, nomeadamente a colecção de fotografias da autoria de Santos Simões utilizadas no *Corpus da azulejaria portuguesa*, um arquivo com fichas com informações da localização e descrição dos núcleos azulejares, os documentos administrativos que estão no Arquivo da Fundação e os documentos do espólio pessoal de Santos Simões que foi doado pela família ao Museu Nacional do Azulejo, nos levou a procurar conhecer a verdadeira dimensão do arquivo, através das entrevistas no Arquivo da Fundação e na Biblioteca do Museu Nacional do Azulejo.

Nas caixas que albergam o acervo documental em estudo, existem muitos dossiers e pastas que foram considerados como documentos únicos, mesmo sendo constituídos de uma diversidade de documentos, conforme descrição da pré-inventariação do arquivo, e há outros que foram recolhidos e descritos separadamente, como é o caso dos desenhos de Emílio Guerra de Oliveira. Apesar de existirem também muitos documentos soltos, é possível identificar na maioria deles a relação com os outros documentos, e com as actividades que testemunham, informação necessária para a organização arquivística dos documentos.

Relativamente às práticas de conservação e restauro de materiais, a entrevista com a Dr^a Constança Rosa foi muito esclarecedora porque nos informou sobre os procedimentos feitos nas diferentes tipologias de materiais existentes na BA, e dos diferentes sítios para armazenamentos especiais, que tem como base as informações recolhidas nos inventários dos espólios.

No que toca as questões de armazenamento, a colecção de desenhos de Emílio Guerra de Oliveira, a colecção de fotografias, que já se encontra acondicionada no depósito frio, digitalizada e disponibilizada na rede interna da BA, os diapositivos, as cassetes sonoras e os recortes de imprensa, por estarem em bom estado de conservação, não necessitam de grandes intervenções, devendo apenas ser tomadas medidas adequadas para a conservação e armazenamento, considerando o seu suporte específico. Na verdade, para a preservação documental, segundo as directrizes da IFLA (2004), “não existe um nível ideal para todos os tipos de material de biblioteca, mas somente valores e escalas que minimizam tipos específicos de alteração nos materiais e nos objectos” e “a temperatura ou a humidade relativa aceitáveis para um objecto podem ser desastrosas para outros”, pelo que recomendamos que os materiais sejam armazenados em diferentes locais na BA, conforme suas especificidades.

O quadro que se segue, elaborado e gentilmente cedido pela Dr^a Constança Rosa, resume de forma clara as questões relativamente ao armazenamento dos materiais do arquivo da BEA, no que se refere ao depósito, temperatura e à humidade relativa mais adequada às fotografias, diapositivos e cassete sonora:

Tipo de documentos		Depósito	Temperatura	HR
Fotografia	Negativos (excepto vidro)	Câmara Fria	4º/5ºC	35%
	Provas a p & b	Depósito Semi-Frio	16ºC	40%
	Provas a cores	Câmara Fria	4º/ 5ºC	35%
Diapositivos		Câmara Fria	4º/ 5ºC	35%
Cassete sonora		Semi-Frio	16ºC	40%
Aquarelas		Depósito Semi-Frio	16ºC	40%

Fonte: Constança Rosa [inérito]

Partindo das informações retiradas da página *web* da Rede Temática RTEACJMSS (UNIVERSIDADE DE LISBOA, 2011) de que o espólio de Santos Simões foi doado ao Museu Nacional do Azulejo em 2006 e de que a catalogação do espólio tem sido efectuada por técnicos de arquivo, elaborámos um guião (Cf. APÊNDICE B.2) para a entrevista com o Bibliotecário da Biblioteca do Museu Nacional do Azulejo, o Dr. Pedro Campos de Oliveira, onde obtivemos as seguintes informações: a confirmação de que havia diferenças entre a documentação existente no MNAz e a documentação existente na FCG; a opção do projecto do MNAz pela separação do material bibliográfico do investigador, nomeadamente livros, folhetos que terão tratamento bibliográfico e estarão disponíveis para consulta na biblioteca, e da documentação de arquivo, composta por manuscritos e impressos, dossiers temáticos, cadernos e pastas, apontamentos, projectos e outros, que serão tratados arquivisticamente, para que não se perca a sua organização original, sendo utilizado para tal a aplicação DIGITARQ, actualmente cedida em *open source* pela Direcção-Geral dos Arquivos (D GARQ). O tipo de acesso será restrito e deverá ser feito um pedido prévio à direcção. Não há actualmente nenhuma interacção entre as duas Instituições (MNAz e FCG) para relacionar o espólio de Santos Simões e o Arquivo da Brigada, pois entende-se que se trata de documentação claramente distinta uma da outra, a primeira de carácter pessoal, a da FCG de carácter institucional.

Em entrevista à Dr^a Mafalda Aguiar, responsável pelo Arquivo da Fundação (Cf. APÊNDICE B.3), e na observação de alguns dossiers disponibilizados verificámos que: há uma grande quantidade de documentos (23 dossiers) da BEA à guarda do Arquivo da

Fundação, e que ainda não existem planos de classificação para os Serviços de Belas Artes ou núcleos em que estes documentos estão integrados. Este facto faz com que a cooperação entre o Arquivo e a Biblioteca na análise da documentação da Brigada assumam particular importância na sua integração no Arquivo da Fundação, pois a partir daí é que se terá a real dimensão do arquivo da Brigada. Por outro lado, os documentos, que se complementam e possuem relações entre si para testemunhar processos, funções e actividades e que estejam eventualmente separados, parte na BA e parte no Arquivo da Fundação, poderão ser reorganizados em séries documentais mais completas. Observámos também que há muitas semelhanças entre a documentação do Arquivo e a documentação da BA, o que confirma que alguns documentos podem realmente complementar e enriquecer as séries documentais que estão no Arquivo, ou podem ser cópias. Conforme foi informado na entrevista, não há ainda data ou previsão para o tratamento desta documentação. De todas formas, seria muito conveniente que a análise da documentação pudesse contar com a disponibilidade dos dois sectores envolvidos para uma caracterização mais adequada do que serão os documentos de arquivo e, dentre estes, aqueles documentos que podem desde já ter um tratamento autónomo através da biblioteca, sem que por isso se venha a pôr em causa o bom tratamento arquivístico do conjunto documental no seu todo.

O Arquivo e a Biblioteca da FCG não possuem nenhuma relação de processamento informático, consulta ou disponibilização integrada de documentos numa mesma plataforma, mas no programa arquivístico da Fundação está incluído o apoio técnico-científico entre os dois serviços, conforme Vieira (2008), o que pode facilitar bastante a cooperação entre os dois sectores no tratamento da documentação da Brigada e a busca de soluções que possam atender tanto os objectivos do Arquivo quanto as necessidades dos utilizadores da Biblioteca que pode ser apoiada pelo meio informático, para a digitalização de alguns documentos que estejam no arquivo, mas que possam ser disponibilizados pelo catálogo da biblioteca, como por exemplo a solução que foi encontrada pela Fundação Mário Soares, que disponibiliza no catálogo da página *web* tanto a pesquisa dos recursos da biblioteca como nos documentos do arquivo que se encontram digitalizados.

Como já foi citado anteriormente, a Brigada de Estudos de Azulejaria foi extinta em 1969 e a partir dessa data a documentação seguiu por vários sectores da Fundação Calouste Gulbenkian antes de chegar a BA e ao Arquivo. Depois de extinta a Brigada a documentação seguiu para o Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes (que em 2010 também foi extinto), sendo enviada uma parte para a Biblioteca e outra parte para o Arquivo da Fundação. Durante esse percurso, essa documentação foi alvo de exposições e de pesquisas para elaboração da reedição do livro *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, revista e actualizada pela equipa de Alexandra Gago da Câmara, e que faz parte da colecção *Corpus da azulejaria portuguesa*. Esse percurso da documentação, ainda sem análise e tratamento adequado e sem inventariação completa pode contribuir para que a ordem original da documentação e a relação entre os documentos se percam, dificultando a sua identificação, e por esse motivo torna-se urgente a decisão imediata de tratamento e destinação.

Baseados na revisão de literatura e nos conceitos levantados assumimos que a documentação apesar de pertencer à Biblioteca de Arte trata-se de documentação de arquivo e que deverá ser analisada num trabalho conjunto entre os profissionais da Biblioteca de Arte e do Arquivo da Fundação que deverão decidir a melhor forma de tratamento, armazenamento e disponibilização da informação contida no arquivo da Brigada, para que não se perca o seu conjunto e a relação que mantém entre si e com a instituição, mas que também possa atender às necessidades dos utilizadores da biblioteca interessados no tema da azulejaria e no trabalho do investigador Santos Simões.

Após a verificação da necessidade de redefinição e classificação do tipo de documentação que compõe o arquivo buscámos os fundamentos e princípios básicos das disciplinas que fazem parte de uma mesma área científica - a Ciência da Informação, para que pudéssemos redefinir e classificar o tipo de documentação que compõe o arquivo.

Na revisão de literatura recuperamos assim, as definições de arquivo, biblioteca, espólio, documento de arquivo e documento bibliográfico, em dicionários, nomeadamente o de Faria e Pericão (1999), o de Alves e Souza (1993), as definições de Silva (2006) e também as relações teóricas das duas disciplinas com a Ciência da

Informação, discutidas principalmente por Silva e Ribeiro (2002) e por Jardim e Fonseca (1992). Essas definições, num primeiro momento nos auxiliaram a direccionar as nossas pesquisas mais específicas. É pois importante que estes conceitos estejam claros e devidamente delimitados, principalmente num trabalho de pesquisa em que se tenta confrontar e abordar duas disciplinas distintas que, como vimos na revisão de literatura, possuem pontos em comum, mas também diferenças em vários aspectos.

Consideramos, no entanto, que foram as caracterizações apresentadas por Schellenberg (2002) que melhor evidenciaram diferenças nos fundos e nos métodos utilizados em cada área. Schellenberg, destacou como característica principal dos fundos de arquivos o terem sido produzidos ou acumulados no âmbito das actividades funcionais de uma instituição, como é o caso do arquivo da BEA, e o seu valor depender da relação que mantêm entre si, ou com a instituição. Os fundos de biblioteca visam principalmente a fins culturais e o valor das peças é individual, e não dependem da relação com os outros materiais. Contudo, e apesar das diferenças, é verdade que, tanto em bibliotecas como nos arquivos, se prevê a delimitação de colecções autónomas (denominadas de colecções factícias pelos arquivistas⁵), que podem ser tratadas isoladamente, mesmo no âmbito do tratamento arquivístico, desde que seja manifesto que tenham sido originalmente construídas como séries documentais independentes do seu conjunto orgânico, fruto de uma atitude de coleccionador bastante comum na forma de abordar a informação. Para o caso do arquivo da BEA, identificámos as seguintes colecções factícias: os desenhos; as fotografias, os diapositivos e negativos; os recortes de imprensa e as cassetes sonoras e as fichas, que propomos sejam tratadas desde logo na BA, uma vez que esta intervenção não compromete a leitura da organicidade própria do arquivo, e sem prejuízo de receberem o complementar tratamento arquivístico quando este tiver lugar.

Para sintetizar a análise da documentação, elaborámos um conjunto de propostas de tratamento, acondicionamento e acesso do Arquivo BEA por tipologia documental (Cf. APÊNDICE C), realçando o que consideramos que sejam os

⁵ “Entende-se por colecção factícia o conjunto de documentos reunidos artificialmente em função de qualquer característica comum, nomeadamente o modo de aquisição, o assunto, o suporte, a tipologia documental ou outro qualquer critério dos coleccionadores.” (Lei nº 107/2001, alínea 4 do art.º 80).

procedimentos mais adequados para o tratamento da documentação do Arquivo da Brigada:

- Provas tipográficas: este material está presente na maioria dos caixotes, e deve ser recolhido, identificado, contabilizado, organizado de acordo com o volume do livro a que pertence e fazer-se o desbaste das cópias duplicadas e sem anotações e correções manuscritas do autor. Seu valor histórico é muito limitado para justificar qualquer outro tratamento, já que são apenas partes de livros que foram encaminhadas pelas oficinas gráficas. Esse tipo de material deve apenas ser referido na ficha catalográfica principal e contabilizado no total de documentos e enviado ao Arquivo da Fundação. O seu acesso deverá ser restrito apenas a investigação com autorização especial e por motivo justificado.
- Documentos administrativos: estes documentos deverão ser contabilizados, avaliados e enviados para o Arquivo da Fundação onde há uma grande quantidade de documentos análogos. Deverão ser analisados para a identificação da relação com os documentos do Arquivo, ou com a actividade que testemunham, como por exemplo, um curso, uma palestra, o dossiê de um funcionário, para complementar séries ou formar novas séries arquivísticas.
- Correspondência: deve ser enviada para o Arquivo da Fundação, contabilizada, avaliada e organizada em séries arquivísticas. Entretanto, alguma correspondência de maior destaque poderá ser futuramente digitalizada e tornada acessível por via do catálogo da biblioteca, com a menção do número de referência atribuído no seu tratamento arquivístico, para não se perder o seu contexto dentro das séries arquivísticas.
- Recortes de imprensa: como constituem uma colecção autónoma desde a sua origem, poderão ser tratados na biblioteca, uma vez que correspondem directa e integralmente a uma série, ou subsérie de arquivo, não pondo em causa a sua expressão no conjunto do arquivo.

Devem ser contabilizados, avaliados, organizados por data e por tema, catalogados e acondicionados em Melinex no depósito da BA. Os recortes que realmente cumprirem esses requisitos deverão ter tratamento bibliográfico individualizado, restauro (se necessário), digitalização e disponibilização gradual em linha através do registo bibliográfico. A exemplo de outros espólios e colecções especiais, que disponibilizam recortes de imprensa digitalizados, deve obedecer a legislação em vigor, relativa a direitos de autor e direitos conexos e estar acessível apenas na rede interna da BA.

- Documentos de cursos, palestras, reuniões e exposições: estes documentos devem ser contabilizados, avaliados e transferidos para o Arquivo da Fundação, para serem organizados em séries arquivísticas ou complementar outras séries existentes no Arquivo. Deve ser consultado somente com autorização especial, inclusive por conter material inédito.
- Desenhos: devem ser contabilizados, catalogados, digitalizados e disponibilizados *on-line* através do registo bibliográfico, na rede interna da instituição. Estes já se encontram numerados de acordo com a colecção de livros *Corpus de azulejaria portuguesa*, acondicionados em envelopes de papel vegetal e devem permanecer no depósito da BA.
- Cassetes sonoras: devem ser contabilizadas, organizadas por data e evento, catalogadas e acondicionadas em caixas no depósito frio da BA. Estas palestras devem ser transferidas de suporte para CDs para serem disponibilizados no Sector multimédia da Biblioteca de Arte. No formato bibliográfico podem estar também relacionadas os números das séries arquivísticas que foram atribuídos no Arquivo da Fundação aos documentos dos cursos ou palestras a que se referem.
- Fichas: devem ser contabilizadas, catalogadas e permanecer no depósito da BA na mesma ordem em que se encontram, em arquivo metálico. Servem como fonte de pesquisa sobre a existência e

localização dos núcleos azulejares que foram alvo de estudo da Brigada. Alguns desses núcleos não existem mais actualmente. As fichas devem ser consultadas apenas por investigadores com autorização especial.

- Fotografias, ilustrações, negativos e diapositivos: estes documentos devem ser contabilizados e confrontados com a colecção de fotografias “*Azulejaria portuguesa*” que já está disponibilizada em linha para evitar duplicação de imagens. Eles devem ser transferidos de suporte, incluídos na referida colecção e acondicionados no depósito frio (suportes fotográficos a cores) e depósito semi-frio (suportes fotográficos a p&b) da BA.

Verificámos também que a temática do arquivo - a azulejaria - é um tema de grande interesse não só para a BA, mas para a cultura portuguesa. Os estudos do investigador Santos Simões e os livros editados por ele são até hoje referência para o estudo da azulejaria, o que é confirmado pela recente reedição do livro *A azulejaria portuguesa no século XVIII em 2010*, que integra a colecção *Corpus de azulejaria portuguesa*, e pela criação da Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões (RTEACJMSS) pelo IMC em 2006, que é um núcleo de investigação dedicado ao azulejo e à cerâmica integrado no Instituto de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Analisados os aspectos mais práticos do tratamento documental, e em jeito de síntese, importa finalmente realçar as justificações teóricas para as opções aqui apresentadas, a fim de lhes dar uma maior robustez na altura da sua aplicação. Compreendemos que tanto a Arquivística como a Biblioteconomia são fundamentais para caracterizar a documentação da Brigada e perceber melhor as suas características, o seu tratamento e a sua destinação mais adequada. A afirmação de Smith (2003) de que na Biblioteconomia o documento cumpre a sua função quando é utilizado por alguém em algum momento, enquanto que na Arquivística os documentos são produzidos em decorrência natural das actividades da instituição e conservados para provar, testemunhar ou informar sobre essas actividades, nos leva a refletir sobre a documentação da Brigada, que é composta de documentos que serão de interesse para

os utilizadores da Biblioteca de Arte, interessados no tema da azulejaria, mas também são testemunhos das actividades da Brigada de Estudos de Azulejaria, e são uma parte da história da Instituição.

Ao estabelecer um paralelo entre biblioteca e arquivo para evidenciar as diferenças nos fundos e nos métodos utilizados em cada área, Schellenberg (2002) considerou que os fundos de arquivo são produzidos e acumulados no âmbito das actividades funcionais de uma instituição, e o seu valor depende da relação orgânica que mantém entre si e com a própria instituição e são tratados como conjuntos de documentos, e os fundos de biblioteca visam a fins culturais e consistem geralmente em peças individuais que não dependem da relação com os outros fundos existentes. O tratamento da documentação da Brigada na Biblioteca de Arte, que segundo as considerações apresentadas por Schellenberg, consistem no tratamento de peças individuais poderá fazer com que se perca a relação orgânica com os outros materiais e, portanto uma parte do seu valor e o conhecimento da sua função na Instituição e consequentemente uma lacuna no Arquivo da Fundação, que, segundo o mesmo autor, é criado com o objectivo de preservar os expedientes da organização a que serve e deve receber os documentos produzidos por essa instituição.

O princípio da proveniência destacado por Rousseau e Couture (1998), como sendo a base da disciplina arquivística, é que deverá ser um dos aspectos mais importantes a ser considerado no tratamento do arquivo da Brigada.

Através do relato de algumas experiências de trabalho cooperativo de bibliotecas e arquivos e de tratamento de fundos de arquivos em bibliotecas, nomeadamente da Biblioteca Nacional de Portugal, da Fundação Mário Soares, da Biblioteca Nacional do Brasil e da Biblioteca Nacional de França, verificamos que essa situação é mais comum do que se pensa, apesar da pouca literatura existente sobre o assunto e que há várias tentativas e alternativas para solucionar a questão. Na Biblioteca Nacional de Portugal utilizaram-se técnicas arquivísticas e biblioteconómicas no tratamento do Arquivo de Cultura Contemporânea; na Fundação Mário Soares há um projecto de integração do arquivo e da biblioteca, com a possibilidade de pesquisa tanto em documentos arquivísticos como biblioteconómicos no sítio *web* da Fundação; na Biblioteca Nacional do Brasil procurou-se integrar os conceitos utilizados na Arquivística e na

Biblioteconomia para a descrição do acervo de manuscritos, utilizando o formato MARC21 na codificação das bases de dados e a organização segundo a norma ISAD (G).

Relativamente à proposta de formato bibliográfico e do formato UNIMARC do arquivo da Brigada, fizemos o levantamento das principais fontes e manuais que são utilizados normalmente nos materiais existentes na BA, que são as RPC, o AACR2, o ISBD, o formato bibliográfico de dados UNIMARC, a CDU, o Art & Architecture Thesaurus (BARATA; ROSA; PINTO, 2009, p. 10), o SIPORbase, as políticas de processamento bibliográfico e as demais fontes que são consultadas para orientação da elaboração dos registos bibliográficos da BA. A indexação de assuntos é pré-coordenada e o *software* utilizado é o Horizon 7.3. (BARATA; ROSA; PINTO, 2009, p. 10). Todas essas fontes normativas foram consultadas e analisadas para auxiliar na proposta de tratamento bibliográfico do arquivo da Brigada, a exemplo de outros arquivos e espólios que são compostos de várias tipologias documentais.

Com base na literatura normativa já citada, elaborámos as propostas do formato bibliográfico e do formato UNIMARC tanto para o Arquivo BEA no seu todo. Como para as diferentes colecções que o constituem, como passamos a detalhar.

As regras de catalogação auxiliam na recuperação dos documentos pelos utilizadores e também no intercâmbio de registos bibliográficos, embora a documentação dos arquivos e espólios sejam muitas vezes constituídos de documentos únicos. Para a tipologia documental das colecções que propomos que devam permanecer na Biblioteca de Arte, nomeadamente a Colecção de recortes de imprensa (Cf. APENDICE D.2); a Colecção de desenhos (Cf. APENDICE D.3); a Colecção de palestras (Cf. APENDICE D.4) e a Colecção de fichas (Cf. APENDICE D.5), utilizámos as seguintes regras de catalogação incluídas em Sottomayor (2008): as regras gerais da descrição (regra D-1) ; as regras para descrição de registos sonoros (regra D-6) e as regras para a descrição dos materiais gráficos (regra D-8).

Relativamente às propostas de formato UNIMARC das colecções citadas anteriormente, faremos aqui o destaque dos campos mais importantes que foram utilizados no registo principal e nas entradas relacionadas, retirados do Manual UNIMARC (2008). Os exemplos a seguir, referem-se ao registo principal do arquivo (Cf. APENDICE D.1)

No campo 200 (título e menção de responsabilidade) registámos o título da colecção, a responsabilidade principal que deve ser sempre a FCG, seguida do Serviço de Belas Artes e da Brigada de Estudos de Azulejaria, seguindo-se assim uma ordem hierárquica (com excepção da Colecção de recortes de imprensa) e as respectivas co-responsabilidades, principal e secundária:

Ex: 200: 1 \$aArquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria\$fFundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria\$gJ.M. dos Santos Simões, co-aut.\$gdesenhos de Emílio Guerra de Oliveira

No campo 210 (publicação, distribuição, etc.), será registado o intervalo de datas de início (28 de outubro de 1958) e fim da existência da Brigada (1 de dezembro de 1969), encontrada em algumas bibliografias consultadas (SIMÕES, 2007). Apesar de haver outras edições do *Corpus* posteriores a essa data, inclusive com a edição póstuma do último volume, preparada por antigos colaboradores:

Ex: 210: 2 \$d[1958-1969]

No campo 317 (nota de proveniência) registamos a proveniência do arquivo, por motivos históricos e arquivísticos, para que não seja perdida a informação do seu percurso custodial.

Ex: 317: \$aTransferido do Arquivo do Serviço de Belas Artes para a Biblioteca de Arte em 2001.

No campo 330 (súmula ou resumo) descrevemos a tipologia documental do arquivo, para além de um breve resumo sobre a criação e as actividades da BEA e sobre o papel de Santos Simões como seu director. Neste campo também informamos o utilizador sobre a documentação que está na BA e a documentação que propomos que seja enviada para o Arquivo da Fundação.

EX: 330: \$aO arquivo é composto por documentos de arquivo impressos e manuscritos, recortes de imprensa, fotografias, diapositivos, desenhos, cassetes sonoras e fichas. A Brigada de Estudos de Azulejaria foi criada em 1958 pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigida por João Miguel dos Santos Simões, para a edição da colecção *Corpus da azulejaria portuguesa*. Como Director da Brigada, J. M. dos Santos Simões realizou cursos, palestras, conferências e o rastreio de núcleos azulejares em Portugal, Madeira, Açores e Brasil. Na Biblioteca de Arte estão disponíveis para consulta: a Colecções Azulejaria Portuguesa; a Colecção de recortes de imprensa; a Colecção de desenhos, a Colecção de palestras e a Colecção de fichas com o registo dos núcleos azulejares. Os documentos de arquivo encontram-se no Arquivo da Fundação.

Em alguns registos do catálogo bibliográfico da BA observamos a ocorrência do campo 469, utilizado para registar as colecções que tiveram origem na documentação do

espólio, ou nesse caso, do arquivo, e a sua relação com o registo principal. Apesar de não constar de forma manifesta do manual UNIMARC, sabemos que a criação e utilização deste campo indica a presença de um campo de entrada relacionada de uso local, cuja utilização deve ser moderada, servindo uma necessidade específica a cada agência catalográfica. No caso da documentação da BEA, pensamos justificar-se o seu recurso para estabelecer uma ligação entre o arquivo e as colecções biblioteconómicas que forem sendo formadas, através da indicação do nº de referência atribuído no âmbito do respectivo tramento arquivístico. Deste modo, na nossa proposta, para estabelecer essas ligações no nível de conjunto e de subconjunto, preferimos utilizar os campos 461 e 462 que estão previstos no manual UNIMARC para o efeito. Note-se que a colecção fotográfica “Azulejaria Portuguesa”, que foi produzida no âmbito da Brigada e como já foi dito anteriormente, já está digitalizada e disponível no catálogo bibliográfico, deverá ser incluída no registo do arquivo BEA.

Ex.:

462: 1 \$tArquivo\$d[1958-1969]

462: 1 \$tColecção de recortes de imprensa\$d[1958-1969]

462: 1 \$tColecção de desenhos\$d[1958-1969]

462: 1 \$tColecção de palestras\$d[1958-1969]

462: 1 \$t Colecção de fichas\$d[1958-1969]

462: 1 \$tAzulejaria Portuguesa\$a[fotografias e inventário de] João Miguel dos Santos Simões\$d[1960-1970]

No campo 488 (outras obras relacionadas) registámos a obra que foi realizada por Santos Simões no âmbito da Brigada e que foi o principal motivo da sua criação. Entretanto, no formato UNIMARC das Colecções de recortes de imprensa e de palestras não incluímos esse campo pois essas colecções não têm relação directa com a elaboração do *Corpus da azulejaria portuguesa*.

488: 1 \$tCorpus de azulejaria portuguesa\$apor J.M. dos Santos Simões\$cLisboa\$bFundação Calouste Gulbenkian\$d1963-1979

No campo 606 (nome comum usado como assunto) deverá ser registada a principal temática do arquivo sob a forma de cabeçalho em todos os registos (principal e entradas relacionadas). A determinação do assunto está de acordo com a política de

indexação pré-coordenada praticada na BA, que tem como base o Manual SIPORbase (1998), o AAT, como principal fonte terminológica, além de outros instrumentos para o controlo terminológico e a consulta dos catálogos em linha de importantes bibliotecas. (PINTO; VAZ, 2000)

O arquivo da Brigada deverá ser classificado de acordo com o seu assunto principal que é a azulejaria portuguesa (Azulejos - Portugal) e a maioria dos documentos (com excepção de alguns documentos administrativos) giram em torno dessa temática. Desta forma, de acordo com a CDU (2005), será registada no campo 675 a notação 738.81(469).

Nos campos 701 e 702 do registo principal registámos os nomes de Santos Simões e de Emílio Guerra de Oliveira como co-responsabilidade principal e responsabilidade secundária, respectivamente.

No campo 710 (nome de colectividade - responsabilidade principal) registámos a Fundação Calouste Gulbenkian, seguida do Serviço de Belas Artes e da Brigada de Estudos de Azulejaria, como colectividade considerada principal responsável pelo arquivo e pelas colecções, com excepção da Colecção de recortes de imprensa.

A Biblioteca de Arte, a exemplo da BNP, utiliza o campo 966 para a atribuição das cotas. As cotas utilizadas na nossa proposta são apenas de carácter exemplificativo, apenas pretendendo identificar facilmente a localização dos documentos no depósito, uma vez que a BA não disponibiliza o acesso directo dos utilizadores aos seus fundos:

- FCG-BA-BEA são documentos da FCG, que estão na Biblioteca de Arte e pertencem ao arquivo BEA e;
- FCG-ARQ-BEA são documentos da FCG que estão no Arquivo da Fundação e pertencem ao arquivo BEA.

Seguindo os mesmos critérios, recomendamos também que sejam feitas as seguintes alterações no registo bibliográfico e UNIMARC da *Colecção fotográfica Azulejaria Portuguesa* (Cf. APENDICE D.6): a inclusão no campo 200 da FCG e da Brigada como autor principal, e de Santos Simões como co-autor; a inclusão do campo 461 para identificar a ligação dessa colecção ao arquivo BEA, e a inclusão dos campos 710

(nome de colectividade-responsabilidade principal) e 701 (nome de pessoa- co-responsabilidade principal).

Seguindo as propostas de formato bibliográfico e UNIMARC que apresentamos, teríamos como informação para as ligações entre a documentação que está no arquivo e a documentação que está na biblioteca, os campos 330 (súmula ou resumo), os campos 461 e 462 (as entradas relacionadas) e o campo 469 (campo de utilização local, com o nº de referência atribuído às peças no seu tratamento arquivístico), no local dos exemplares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira grande conclusão a que chegámos através das actividades realizadas no estágio com a orientação da Dr^a Ana Caldeira, das pesquisas bibliográficas, da análise da documentação, da revisão da literatura e das entrevistas, é que a documentação da Brigada deve ser caracterizada como documentação de arquivo, e como tal deve ser tratada, respeitando-se a sua relação com os outros documentos produzidos no âmbito da FCG.

Entretanto, verificámos também que a temática da documentação e os estudos realizados pela Brigada e por Santos Simões despertam grande interesse para o estudo da azulejaria, pois, ainda hoje, o *Corpus da azulejaria portuguesa*, que foi o principal motivo da criação da Brigada, é uma publicação de referência na área da azulejaria, o que é confirmado pela sua recente reedição.

Na literatura técnica da área sentimos a necessidade de buscar conceitos tanto da Biblioteconomia como da Arquivística e perceber as diferenças e as aproximações entre as duas disciplinas e assim caracterizar de forma mais clara a documentação.

Após a elaboração da síntese por tipologia documental com base na pré-inventariação do arquivo, e apesar das restrições que o facto de estarmos perante documentação de arquivo nos levanta, entendemos que algumas colecções podem ser tratadas desde logo na BA, sem se comprometer a compreensão da organicidade própria do arquivo, por constituírem colecções autónomas (denominadas colecções factícias pelos arquivistas), nomeadamente a colecção de recortes de imprensa; a colecção de desenhos; a colecção de palestras; a colecção de fichas e as fotografias, diapositivos e ilustrações que podem ser integradas na colecção *Azulejaria portuguesa* que já existe na BA. Os demais documentos, recomendamos que sejam enviados para o Arquivo da Fundação para formarem séries arquivísticas, ou para complementarem outras séries já existentes.

A transferência de suporte das colecções e o acesso através da rede interna da biblioteca via catálogo bibliográfico também foi sugerida como forma de preservação dos originais e de facilitar a consulta, como é o caso das cassetes sonoras das palestras, e alguns documentos do arquivo que são marcadamente importantes, como,

por exemplo, a proposta original da criação da Brigada redigida por Santos Simões, têm todo o interesse em ser digitalizados e disponibilizados via biblioteca.

Para que não se perca o conjunto do arquivo BEA e para informar os utilizadores da existência dos documentos de arquivo, pois não há comunicação entre o programa informático do Arquivo da Fundação e o programa da BA, nem há ainda possibilidade de pesquisa pública ao Arquivo da Fundação, sugerimos que essas relações sejam registadas no formato bibliográfico e no formato UNIMARC do catálogo da Biblioteca e portanto incluímos essa informação nas notas (campo 330) nas entradas relacionadas (campo 461 e 462), na indicação do nº de referência atribuído às peças no seu tratamento arquivístico (campo 469), na indicação do local dos exemplares do formato bibliográfico e na atribuição das cotas, conforme as propostas apresentadas. Essas informações também devem ser acrescentadas no registo da colecção fotográfica *Azulejaria portuguesa*.

O tratamento documental do arquivo da Brigada pressupõe a cooperação entre os técnicos da BA e os técnicos do Arquivo da Fundação para que sejam encontradas soluções conjuntas, que atendam os objectivos dos dois sectores, traduzindo-se em benefícios tanto para os utilizadores da BA como para a preservação da história da FCG.

O relato de algumas instituições que procuraram a união entre as duas áreas, como forma de dar melhor resposta ao tratamento documental e à disponibilização de alguns fundos mostrou-nos que essa situação é mais comum do que imaginávamos, e cada instituição deve procurar a solução mais adequada ao seu caso, dentro das normas que são aplicadas às áreas e aos recursos disponíveis.

Os profissionais das Ciências da Informação devem portanto estar atentos às outras áreas do conhecimento complementares à sua, que podem eventualmente influir nas suas áreas de actuação, e que os possam auxiliar a encontrar soluções mais adequadas às suas questões e às necessidades dos utilizadores e das instituições.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de; MURGUIA, Eduardo Ismael (2010) - A descrição de documentos fotográficos através da ISAD (G) E AACR2: aproximações e diferenças [Em linha]. *Biblos*. Rio Grande. Vol. 24, Nº 2 (jul./dez.), p. 25-41. [Consult. 06 set. 2011]. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/view/1653>

ALVES, Ivone; SOUSA, Maria Leonor Machado de (1993) - *Dicionário de terminologia arquivística*. Lisboa: Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro. 257 p.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BIBLIOTECÁRIOS E ARQUIVISTAS (2011) - *Formação disponível em Portugal* [Em linha]. Lisboa: APBAD .[Consult. 10 set. 2011] . Disponível em: http://www.apbad.pt/Formacao/formacao_cdisp.htm

BARATA, Ana ; ROSA, Constança Costa ; PINTO, Eunice (2009) – The private Library of Calouste Gulbenkian: an example of virtual access to a personal book collection. IN: *Art Libraries Section Satellite Meeting Papers* [Em linha]. Florence : IFLA. p. 1-15. [Consult. 10 set. 2011]. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/art-libraries/private-library-calouste-gulbenkian.pdf>

CAMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (2008) - A colecção fotográfica "Inventário da Azulejaria Portuguesa" de João Miguel Santos Simões (1960-1968): objecto artístico, documento e memória. *Varia história* [em linha]. Belo Horizonte. Vol. 24 Nº 40. [Consult. a 2 de set. 2011]. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752008000200005

DECRETO-LEI n.º 92/2007. *D.R. 1ª Série*. Nº 63 (2007-03-29) p. 1912-1913.

DECRETO-LEI n.º 92/2007. *D.R. 1ª Série*. Nº 63 (2007-03-29) p. 1913-1916.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERIÇÃO, Maria da Graça (1999) - *Novo dicionário do livro: da escrita ao multimédia*. [Lisboa]: Círculo de Leitores. 631 p.

FONSECA, Maria Odila (2005) - *Arquivologia e ciência da informação*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 124 p.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (2011) - *Biblioteca de Arte* [Em linha]. Lisboa: FCG. [Consult. 10 set. 2011]. Disponível em: <http://www.biblarte.gulbenkian.pt/>

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (2010) - *Biblioteca de Arte: orgânica e atribuições*. [Lisboa]: FCG, 2010. 8 f.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (s.d) - *Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian: breve historial*. [Lisboa]: FCG. 16 f.

FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES (2011) - *Arquivo & Biblioteca* [Em linha]. Lisboa: FMS. [Consult. 10 set. 2011]. Disponível em: <http://www.fmsoares.pt/aeb/index.php>

HENRIQUES, Paulo, coord. (2007) - *João Miguel dos Santos Simões, 1907-1972*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo. 327 p.

ISAD(G): Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística: adoptada pelo Comité de Normas de Descrição, Estocolmo: Suécia, 19-22 de Setembro de 1999 (2002). Conselho Internacional de Arquivos; trad. Grupo de Trabalho para a Normalização da Descrição em Arquivo. 2ª ed. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais. Torre do Tombo. 97 p. [Consult. a 05 de set. 2011]. Disponível em: <http://www.dgarq.gov.pt/files/2008/10/isadg.pdf>

JARDIM, José Maria ; FONSECA, Maria Odila (1992) – As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação. *Cadernos Bad*. Lisboa. Vol. 2, p. 24-45.

J. M. Santos Simões : azulejaria portuguesa, exposição (1997). Lisboa : Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian.

KATRE, Dinesh (2011) – Digital preservation: converging and diverging factor of libraries, archives and museums: an Indian perspective. *IFLA Journal* [Em linha]. Vol.37, Nº 3 (out.), p. 195-203 [Consult. a 04 nov. 2011]. Disponível em : <http://www.ifla.org/en/news/out-now-october-2011-issue-of-ifla-journal>

LEI n.º 107/2001. *D.R. 1ª Série-A*. Nº 209 (2001-09-08) p. 5808-5829.

MALVINE. *Manuscript and Letters Via Integrated Networks in Europe* (2011)[Em linha]. [Consult. 04 nov. 2011]. Disponível em: <http://www.malvine.org>

MASSON, Silvia Mendes (2006) - A arquivística sob o prisma de uma ciência da informação : uma proposta de Silva & Ribeiro. *Arquivística.net*. [Em linha]. Rio de Janeiro. Vol. 2 Nº 1 (Jan./Jun.), p. 85-103. [Consult. a 05 de set. 2011]. Disponível em: <http://www.arquivistica.net/ojs/viewarticle.php?id=56>

MORENO, C. ; MARTINS, V. A. (2005) - Experiência da Biblioteca Nacional : arquivo em Bibliotecas : o melhor de dois mundos. In: *II Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas*. [em linha] Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. [Consult. a 13 ago. 2011].Disponível em: www.aab.org.br/images/stories/anais_parte4.pdf

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado, org. (2007) – *Métodos para a pesquisa em ciência da informação*. Brasília: Thesaurus. 190 p.

OLIVEIRA, António Braz de (1992) - Arquivística literária: *haec subtilis ars inveniendi*. *Cadernos Bad*. Lisboa. Vol. 2, p. 107-121.

OLIVEIRA, António Braz de (1999) - Arquivística literária em perspectiva. *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional. Arquivística literária e crítica textual*. Lisboa. Nº 5, p.7-11.

PINTO, Eunice Silva; VAZ, Julio (2000) - O tratamento da informação na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian : estabelecimentos de critérios de uniformização. In: *VIII Encontro de Bibliotecas de Arte de Espanha e Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p. 111-119.

POIROT, Albert (2001) - Les archives dans les bibliothèques. *Bulletin des Bibliothèques de France* [em linha]. Paris. Vol. 46 Nº 2, p. 4-14. [Consult. a 03 out. 2011]. Disponível em: [www.http://bbf.enssib.fr](http://bbf.enssib.fr)

PRASAD, Neelan (2011) – Synergizing the collections of libraries archives and museums for better user services. *IFLA Journal* [Em linha]. München. Vol.37, Nº 3 (out.), p. 204-210. [Consult. a 04 nov. 2011]. Disponível em : <http://www.ifla.org/en/news/out-now-october-2011-issue-of-ifla-journal>

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (1998) - *Manual de investigação em ciências sociais*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 1998.

UNIVERSIDADE DE LISBOA (2011). Faculdade de Letras. Centro de Investigação de História da Arte. *Rede Temática em Estudos de Azulejaria João Miguel dos Santos Simões* [Em linha]. Lisboa: RTEACJMSS. [Consult. 10 set. 2011]. Disponível em: <http://redeazulejo.fl.ul.pt/>

RIBEIRO, Fernanda (2004) - *Informação: um campo uno, profissões diversas?* [Em linha]. [Consult. a 20 Agost. 2011]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/14052>

ROUSSEAU, Jean-Yves ; COUTURE, Carol (1994) - *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa : Publicações Dom Quixote. 356 p.

SHELLENBERG, T. R. (2004) - *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 388 p.

SILVA, Armando Malheiro da (2006) - *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Afrontamento. 176 p.

SILVA, Armando Malheiro da [et al.] (2002) - *Arquivística – Teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Afrontamento. 254 p.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda (2008) - *Das ciências documentais às ciências da informação*. 2ª ed. Porto: Afrontamento. 174 p.

SILVA, Carlos Baptista da, coord. (2004). Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: FCG, 2004. 111 p.

SIMÕES, J.M. dos Santos (1963-1979) - *Corpus de azulejaria portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 6 v.

SMIT, JohannaW. (2003) - Arquivologia/biblioteconomia: interfaces da ciências da informação. *Informação & Informação* [em linha]. UEL. Vol. 8 Nº 2 (jun-dez.) [Consult. a 20 Agost. 2011]. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/50086450/Arquivologia-Biblioteconomia-Interfaces-das-Ciencias-da-Info-macao-SMIT-Johanna-W>

SOUSA, Renato Tarcísio Barbosa (2003) - Os princípios arquivísticos e o conceito de classificação. In: RODRIGUES, Georgete M.; LOPES, Iza L. (Org.) - *Organização e Representação do Conhecimento*. Brasília: Thesaurus. p.240-271

VIEIRA, João (2008). Os arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian. In: *Boletim do DGARQ*. Nº 6 (jul-set.), p. 6-7.

BIBLIOGRAFIA TÉCNICA

Anglo-American cataloguing rules (2004). prepared under the direction of The Joint Steering Committee for Revision of AACR, a committee of The American Library Association. 2nd ed., 2002 revision, 2004 update. Ottawa: Canadian Library Association ; London : American Library Association.

CDU - Classificação decimal universal : tabela de autoridade : edição abreviada em língua portuguesa com base no Master Reference File do UDC Consortium (2005). Selecção e coord. Ana Cristina Almeida, Manuela Santos. - 3.a ed.. - Lisboa : Biblioteca Nacional. 896 p. IFLA (2008) - *Manual UNIMARC: formato bibliográfico*. Coord. da trad. e rev. téc. Rosa Maria Galvão, Margarida Pedreiro Lopes ; introd. Maria Inês Cordeiro. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. 910 p. IFLA (2004) - *Directrizes da IFLA para conservação e manuseamento de documentos de biblioteca*. (trad. portuguesa) Lisboa: Biblioteca Nacional, 2004. 133 p. *NORMAS PORTUGUESAS DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CT7* (2010). Coord. Rosa Maria Galvão; colab. Fátima Loureiro Rebelo Pais. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. Instituto Português da Qualidade, 665 p.

SIPORbase : sistema de indexação em português : manual (1998). 3.ed. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Área de Classificação e Indexação. 1 v.

SOTTOMAYOR, José Carlos (2008) - *Regras de catalogação : descrição e acesso de recursos bibliográficos nas bibliotecas de língua portuguesa*. Lisboa: BAD - Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. 1075 p.

LISTA DE FIGURAS

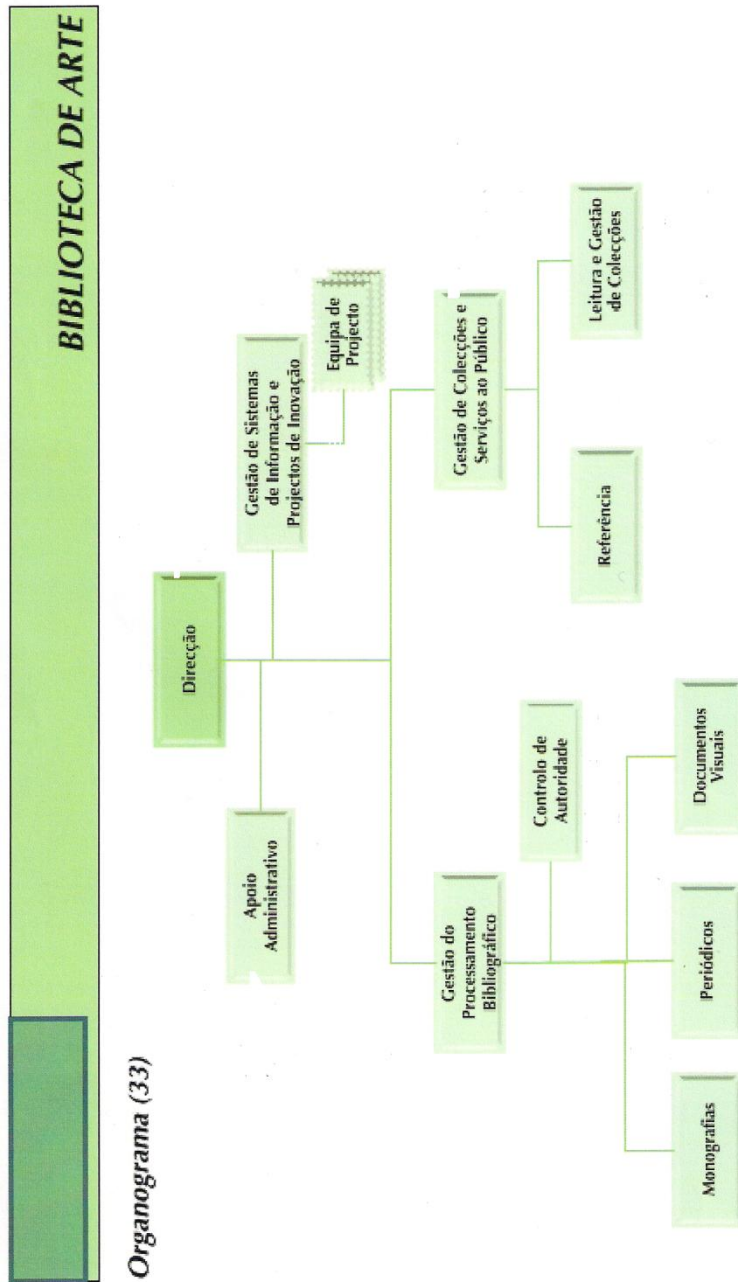
Figura 1: Organograma da Biblioteca de Arte.....ii

Figura 2: Fotos das caixas onde está acondicionado o arquivo BEA.....iii

Figura 3: Pré-inventariação do arquivo BEA.....iv

Figura 4: Formato bibliográfico e UNIMARC actual do arquivo BEA.....v

FIGURA 1- Organograma da BA



Organograma (33)

Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

FIGURA 2- Fotos das caixas onde está acondicionado o arquivo BEA



Fonte: Biblioteca de Arte da FCG, fotografadas pela Dr^a Constança Rosa

FIGURA 3 - Pré-inventariação do arquivo BEA

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K		
Mns e docs. Iconográficos de Santos Simões (excepto correspondência)												
Nº Caixote	Nº Unidade instalação original 1	Título Unidade instalação original 1	Nº Unidade instalação definitiva	Documento	Título	Data	Dimensões (se superiores a A4)	Nº de folhas (se mais do que 1)	Tipologia (ms.dactilografado, prova fot., etc.)	Obs.		
	Dossier n.º 3				Belas-Artes - Azulejaria V - Cortes de Imprensa	1963-70			Recortes Imprensa	Vários Recortes de Imprensa entre as datas 1963-1970 de		
	67/49	Cx. 3a			[1.1ª Palestra]	de 1 a 03-05-1963			Cassete sonora: K7 Cobalt Pyral C60.	As datas constantes na etiquetas na Face 1 e Face 2		
						[1.2ª Palestra]	de 1 a 07-02-63					
						[1.3ª Palestra]	de 1 a 10-03-63					
						[1.4ª Palestra]	de 1 a 17-03-63					
						[2.1ª Palestra]	03-05-1963					
						[2.2ª Palestra]	de 03 a 10-05-63					
						[2.3ª Palestra]	de 03 a 10-05-63					
						[2.4ª Palestra]	de 3a 17-03-68					
						[P9 n.º 1 Palestra]	de 2 a 17-05-68				Na pequena etiqueta colada na disquete alié da id da	
						[P9 n.º 2 Palestra]	de 3a 17-03-68				Na pequena etiqueta colada na disquete alié da id da	
						[P10 n.º 1 Palestra]	de 2 a 26-03-68					
						[P10 n.º 2 Palestra]	de 2 a 26-03-68					
				Doc 1			Azulejaria Portuguesa no Brasil por J.M. dos Santos	1600-1822	Variada 30x23 e A4 também	316	Texto dactilografado. Com apontamentos	As folhas estão bastante amarelcidas e algumas

A	B	C	D	E	F	G	H	I
Desenhos de azulejos de Emílio Guerra								
Nº Caixote	Nº Unidade instalação original 1	Título Unidade instalação original 1	Nº Unidade instalação definitiva	Nº do doc	Título	Data	Dimensões (se superiores a A4)	Obs.
Caixote 60.	[caixa 1]				[Desenhos de azulejos do livro Corpus da Azulejaria portuguesa.			As Letras "P"(Padrão), "F"(Frisos), "B" (Barras) e "C"(Cercadura) da
Caixote 60.	[caixa 1]			[doc 1]	P-461		29,5cmX29,5cm	No invólucro: PÁG. 86
Caixote 60.	[caixa 1]			[doc 2]	P-464		29,5cmX29,5cm	No invólucro: PÁG. 87 (2 desenhos)
Caixote 60.	[caixa 1]			[doc 3]	P-465		29,5cmX29,5cm	No invólucro: PÁG. 87
Caixote 60.	[caixa 1]			[doc 4]	P-481		29,5cmX29,5cm	No invólucro: PÁG. 97
Caixote 60.	[caixa 1]			[doc 5]	P-490		29,5cmX29,5cm	No invólucro: PÁG. 102 (2 desenhos)
Caixote 60.	[caixa 1]			[doc 6]	P-491		29,5cmX29,5cm	No invólucro: PÁG. 102
Caixote 60.	[caixa 1]			[doc 7]	P-479		29,5cmX29,5cm	No invólucro: PÁG. 96 (2 desenhos)
Caixote 60.	[caixa 1]			[doc 8]	P-480		29,5cmX29,5cm	No invólucro: PÁG. 96
Caixote 60.	[caixa 1]			[doc 9]	P-474		29,5cmX29,5cm	No invólucro: PÁG. 93

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
CONTABILIZAÇÃO DOCUMENTOS									
Nº CAIXOTE	Nº Unidade instalação original 1	Mns e docs. Iconográficos de Santos Simões (excepto correspondência)	Des. azulejos de Emílio Guerra	Outros docs. iconográficos (outros desenhos de azulejos, desenhos de arquitectura, etc.)	Recortes imprensa ou de outras publicações	Correspondência com FCG	Correspondência com outros	Materiais de preparação da exposição	Total docs.
Caixote 60	[caixa 1]		42						42
	[caixa 2]		37						37
	[caixa 2A]		42						42
	[caixa 3]		44						44
Tubo 58	[caixa 1]		9						9
Caixote 68	[caixa 52/12]		6						6
	[caixa 54]		6						6
	[caixa 55]		8						8
	[caixa 51/8]		6						6

Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

FIGURA 4 - Formato bibliográfico e UNIMARC actual do arquivo BEA que consta do catálogo bibliográfico

FORMATO BIBLIOGRÁFICO

ARQUIVO J. M. DOS SANTOS SIMÕES

AUTOR(ES): [Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria \(Lisboa, Portugal\)](#)
 PRODUÇÃO: [1957-1972]
 DESCR. FÍSICA: ca. 70.000 itens
 NOTAS: . - Contém fotografias, documentação escrita e desenhos
 ASSUNTOS: [Azulejos -- Portugal](#)
 COTA(S): CFT002

[Ver formato UNIMARC](#) | [Exportar registo em ISO2709](#) | [Exportar registo em MarcXchange](#)

Exemplares

Local	Cota	Vol.	Tipo Emprést.	Estado	Notas
Biblioteca de Arte	CFT002	0	Reservados	Na catal. retrospectivo.	Obra de acesso reservado. Sujeito a autorização.

FORMATO UNIMARC

Número BIB (NCB): 165323

LDR: 00628cbm 2200169 4500
 001: 165323
 100: \$a20020524g19571972k y0pory0103 ba
 101: 0 \$apor
 102: \$aPT
 200: 1 \$aArquivo J. M. dos Santos Simões\$fBrigada de Estudos de Azulejaria. Serviço de Belas Artes. Fundação Calouste Gulbenkian
 210: #1\$d[1957-1972]
 215: \$aca. 70.000 itens
 300: \$aContém fotografias, documentação escrita e desenhos
 606: \$aAzulejos\$yPortugal
 710: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian.\$bServiço de Belas Artes.\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$c(Lisboa, Portugal)
 956: \$2BIBCFT
 966: 1 \$aAA\$IFCGBGA\$sCFT002
 999: \$abga-aic\$b20020524\$cbga-aic\$d20020524

[Ver Detalhe Bibliográfico](#) | [Exportar registo em ISO2709](#) | [Exportar registo em MarcXchange](#)

Exemplares

Local	Cota	Vol.	Tipo Emprést.	Estado	Notas
Biblioteca de Arte	CFT002	0	Reservados	Na catal. retrospectivo.	Obra de acesso reservado. Sujeito a autorização.

APÊNDICE A: LISTAGEM COM DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO DAS CAIXAS DO ARQUIVO DA BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA DA FCG

(Obs: Essa listagem foi feita com base nas tabelas em *Excel* da pré-inventariação do Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria e é composta de 84 páginas. Aqui apenas apresentamos um exemplo das informações coligidas.)

CAIXOTES:

50 - 52 - 52/50 - 52/56 - 56 -59 - 60 - 66 - 67/52 - 67/53 - 67/54 - 68 - 69 -

TUBO 57 e 58

OBS: A numeração foi conservada de acordo com a sinalização já existente nas caixas, e algumas atribuídas quando não havia qualquer numeração.

Caixote 50.	Caixa 2/48.
-------------	-------------

[Bibliografia]

Manuscrito

1 Página pautada tipo de bloco com indicações bibliográficas manuscritas encontrava-se entre as fichas 121 A (Teles Liberato) e 122 (Vasconcelos Joaquim)

[Fichas Bibliográficas de artigos e livros]

inferior A4 9x13,5

Manuscrito e dactilog.

vários tamanhos e cores umas bastante detalhadas outras só com o nome de autor. As fichas referem bibliografia nacional e estrangeira

753 fichas

[Desenhos]

Negativo de fotogr. de azulejo 8x6,5 cm

o padrão é o P-999

Caixote 50.	Caixa 55.	Doc 1
-------------	-----------	-------

[Dossier I Simpósio Internacional de Azulejaria - Assuntos vários]

Entre 1969-1972

Manuscritos, dactilog., recortes de imprensa e cartões visita

Documentação de várias ordens referente ao 1º Simpósio Internacional de Azulejaria: Circular, correspondência interna e externa à FCG sobre despesas do Simpósio; Apontamento do SBA assinado por A.N. Gusmão; fotocópias de correspondência e do Apontamento; extracto de conta do BNU; cartas de agradecimento; Pedidos de Pagamento; recortes de imprensa; Minutas da ordem de trabalho do Simpósio; Agenda do Simpósio (dactil.); documento estimativo das despesas com o Simpósio.

105 p.

Caixote 50.	Cx.49/cx.3(b)	Doc 15
--------------------	----------------------	---------------

[Fichas de listagem de locais por tipo de azulejo]

Manuscritos

nem todas estão preenchidas

12 p.

Caixote 50.	Cx.49/cx.3(b)	Doc 16
--------------------	----------------------	---------------

[Recortes Jornal]

1963/64

17 p.

Caixote 50.	Caixa 55.	Doc 2
--------------------	------------------	--------------

[Artigos de Jornal]

Recortes de imprensa e uma cópia de documento dactilografado.

Recortes de imprensa vários uma cópia de carta do BNU a comunicar a Emissão de Acções da Imobiliária e Construtora Grão-Pará

17 p.

Caixote 50.	Caixa 55.	Doc 3
--------------------	------------------	--------------

[Relatório, Memorial e Programa do 1º Simpósio Internacional Azulejaria - Lisboa]

Cópias de documento. Dactilografado.

Relatório final sobre como correu o Simpósio; 1ª cópia do documento Memorial que pretende justificar o Simpósio em Lisboa e uma cópia completa do Programa com as Excursões Post-Simpósio

24 p.

Caixote 50.	Caixa 55.	Doc 4
--------------------	------------------	--------------

[Listagem de] Ilustrações de Azulejaria em Portugal no séc. 17

Manuscrito

Papel pautado manuscrito com lista de estampas a cor e p&b: inclui o nome das estampas (ref.^a local) e as dimensões. A primeira página é uma folha quadriculada dobrada onde estão escritas o total de imagens para o livro Az. Em Port. No séc. 17. As folhas estão presas por clip e condicionadas numa capa plástica amarela.

64 p.

Caixote 50.	Caixa 55.	Doc 6
--------------------	------------------	--------------

[Correspondência]

[1969-1972]

Vária

57 p.

Caixote 50.	Caixa 51/6.	Doc 6
--------------------	--------------------	--------------

[Textos de livro e textos sobre azulejos em igrejas e capelas]

[dactilografados]

[Textos de livro + textos agrafados e com capa preta, assinado por Manuel Carvão Guimarães]

31 p.

52/50	Cx. 5 (1)	Doc. 1 e 2
--------------	------------------	-------------------

[documentos]

Dactilog. e impressos

Azulejaria em Portugal no séc. XVII. Tomo II. Provas tipográficas

Azulejaria portuguesa no Brasil (provas tipográficas) Nota: Há falha na numeração das páginas

673 p.

APENDICE B – GUIÕES DAS ENTREVISTAS

B.1. Guião de entrevista Biblioteca de Arte da FCG

1. Contextualização histórica e temática do arquivo Santos Simões
2. Existência de outros materiais ou documentos que possuem relação com o arquivo Santos Simões dentro ou fora da instituição.
3. Procedimentos básicos praticados na BA no tratamento de espólios
4. Distinção entre material de arquivo e material de biblioteca
5. Práticas de acondicionamento para os diferentes materiais (Conservação & Preservação)
6. Atribuição do campo das cotas (966) utilizado na BA.

B.2. Guião de entrevista ao Museu Nacional do Azulejo

1. Contexto da doação do espólio
2. Escolha de tratamento arquivístico
3. Tratamento da parte da colecção bibliográfica
4. Tipo de acesso: restrito? On-line?
5. Grau de interacção entre as instituições para relacionar de alguma forma os dois arquivos?

B.3. Guião de entrevista ao Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian

1. Quantidade aproximada de pastas, dossiers ou unidades de instalação
2. Existem planos de classificação para os Serviços de Belas Artes e outros núcleos em que esteja integrada a documentação relacionada com a Brigada, para se perceber que funções e actividades é que esta documentação testemunha.
3. Tipologia predominante nas séries documentais.
4. Previsão (data) de tratamento.
5. Estado actual de armazenamento(em caixas, caixotes. Pastas)
6. Tipo de arrumação/ordenação?

**APENDICE C: SÍNTESE DAS PROPOSTAS DE TRATAMENTO,
ACONDICIONAMENTO E ACESSO AO ARQUIVO BEA POR TIPOLOGIA
DOCUMENTAL**

Documentos	Procedimento	Localização e armazenamento	Transferência de suporte	Tipo de acesso
Provas tipográficas	Contabilizar, organizar por livro e fazer desbaste das cópias não anotadas	Enviar para o Arquivo da Fundação	Não	No Arquivo da Fundação com autorização especial
Administrativos	Contabilizar, avaliar e organizar em séries arquivísticas	Enviar para o Arquivo da Fundação	Não	No Arquivo da Fundação, com autorização especial
Correspondência	Contabilizar, avaliar e organizar em séries arquivísticas	Enviar para o Arquivo da Fundação, acondicionar em dossiers	Não	No Arquivo da Fundação, com autorização especial
Recortes de imprensa	Contabilizar, avaliar, organizar por data e por tema e catalogar	Acondicionar em Melinex em dossier no depósito da BA	Sim	Disponibilização gradual em linha, através do registo bibliográfico, na rede interna da instituição
Cursos, palestras, reuniões e exposições	Contabilizar, avaliar e organizar em séries arquivísticas	Enviar para o Arquivo da Fundação	Não	No Arquivo da Fundação com autorização especial.
Desenhos / aguarelas	Contabilizar, e catalogar	Envolver em papel vegetal e acondicionar em caixas no depósito semi-frio da BA	Sim	Disponibilização gradual em linha, através do registo bibliográfico, na rede interna da instituição
Cassete sonora	Contabilizar, organizar por data e evento e catalogar	Acondicionar em caixas no depósito semi- frio da BA	Sim	Disponível para consulta (audição em CD) no sector Multimédia
Fichas	Contabilizar e catalogar	Acondicionar em arquivo metálico no depósito da BA	Não	Restrito a investigadores com autorização especial
Fotografias, diapositivos, ilustrações, negativos	Contabilizar, confrontar com a “Colecção de fotografias” e catalogar	Acondicionar na câmara fria e depósito semi-frio (a cores) e semi-frio (p&b) da BA	Sim	Disponibilização gradual em linha, através do registo bibliográfico, na rede interna da instituição

APÊNDICE D: PROPOSTAS DE FORMATO BIBLIOGRÁFICO E UNIMARC DO ARQUIVO

D.1. Registo principal: Arquivo da Brigada

ARQUIVO DA BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA

AUTOR(ES):	Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria; J.M. dos Santos Simões, co-aut.; desenhos de Emilio Guerra de Oliveira.
PRODUÇÃO:	[1958-1969]
DESCR. FÍSICA:	40 dossiers; 60 recortes de imprensa; 400 desenhos; 25 cassetes sonoras; 3000 fichas; 5028 fotografias
CONTÉM:	Arquivo [1958-1969] Colecção de recortes de imprensa [1958-1969] Colecção de desenhos [1958-1969] Colecção de palestras [1958-1969] Colecção de fichas do Arquivo BEA [1958-1969] Colecção Azulejaria Portuguesa [1958-1969]
NOTAS:	O arquivo é composto por documentos de arquivo impressos e manuscritos, recortes de imprensa, fotografias, diapositivos, desenhos, cassetes sonoras, fichas e provas tipográficas. A Brigada de Estudos de Azulejaria foi criada em 1958 pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigida por João Miguel dos Santos Simões, para a edição da colecção <i>Corpus da azulejaria portuguesa</i> . Como Director da Brigada, J. M. dos Santos Simões realizou cursos, palestras, conferências e o rastreio de núcleos azulejares em Portugal, Madeira, Açores e Brasil. Na Biblioteca de Arte estão disponíveis para consulta: a Colecção Azulejaria Portuguesa; a Colecção de recortes de imprensa; a Colecção de desenhos; a Colecção de palestras e a Colecção de fichas com o registo dos núcleos azulejares. Os documentos de arquivo estão no Arquivo da Fundação.
OBRA(S) RELACIONADA(S):	Corpus da azulejaria portuguesa / por J. M. dos Santos Simões. - Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1963-1979
PROVENIÊNCIA:	Foi transferido do Arquivo do Serviço de Belas Artes em 2001.
ASSUNTOS:	Simões, J.M. dos Santos, 1907-1972 -- [Fontes] Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria (Lisboa, Portugal) -- [1958-1969] Azulejos -- Portugal
CDU:	7 Simões, J.M. dos Santos(044) 061.27(469) 738.81(469)
COTA(S):	FCG-ARQ-BEA 001; FCG-BA-BEA002; FCG-BA-BEA003; FCG-BA-BEA004; FCG-BA-BEA005; CFT009

Exemplares					
Local	Cota	Vol.	Tipo emprést.	Estado	Notas
Arquivo da Fundação	FCG-ARQ-BEA 001	0	Reservados nível 1	Disponível	Arquivo de acesso reservado sujeito a autorização
Biblioteca de Arte	FCG-BA-BEA 002	0	Reservados nível 1	Disponível	Cópia digital acessível em rede ou acesso reservado
Biblioteca de Arte	FCG-BA-BEA 003	0	Reservados nível 1	Disponível	Cópia digital acessível em rede ou acesso reservado
Biblioteca de Arte	FCG-BA-BEA 004	0	Reservados nível 1	Disponível	Cópia digital acessível em rede ou acesso reservado
Biblioteca de Arte	FCG-BA-BEA 005	0	Reservados nível 1	Disponível	Acesso reservado sujeito a autorização
Biblioteca de Arte	CFT009	0	Reservados nível 1	Disponível	Cópia digital acessível em rede ou acesso reservado

PROPOSTA DE FORMATO UNIMARC

Registo principal

ARQUIVO DA BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA

- LDR: 01281cbc 2200217 i 4500
- 001: 000000
- 100: \$a20110527g19581969k y0pory01030103ba
- 101: 0 \$apor
- 102: \$aPT
- 200: 1 \$aArquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria\$fFundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria\$gJ.M. dos Santos Simões, co-aut.\$gdesenhos de Emílio Guerra de Oliveira
- 210: #1\$d[1958-1969]
- 215: \$a40 dossiers\$a60 recortes de imprensa\$a400 desenhos\$a25 cassetes sonoras\$a5028 fotografias\$a3000 fichas
- 317: \$aTransferido do Arquivo do Serviço de Belas Artes para a Biblioteca de Arte em 2001.
- 330: \$aO arquivo é composto por documentos de arquivo impressos e manuscritos, recortes de imprensa, fotografias, diapositivos, desenhos, cassetes sonoras e fichas. A Brigada de Estudos de Azulejaria foi criada em 1958 pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigida po João Miguel dos Santos Simões, para a edição da colecção *Corpus da azulejaria portuguesa*. Como Director da Brigada, J. M. dos Santos Simões realizou cursos, palestras, conferências e o rastreio de núcleos azulejares em Portugal, Madeira, Açores e Brasil. Na Biblioteca de Arte estão disponíveis para consulta: a Colecções Azulejaria Portuguesa; a Colecção de recortes de imprensa; a Colecção de desenhos, a Colecção de palestras e a Colecção de fichas com o registo dos núcleos azulejares. Os documentos de arquivo encontram-se no Arquivo da Fundação.
- 462: 1\$tArquivo\$d[1958-1969]
- 462: 1\$tColecção de recortes de imprensa\$d[1958-1969]
- 462: 1\$tColecção de desenhos\$d[1958-1969]

462: 1 \$tColecção de palestras\$d[1958-1969]

462: 1 \$t Colecção de fichas\$d[1958-1969]

462: 1 \$tAzulejaria Portuguesa\$a[fotografias e inventário de] João Miguel dos Santos Simões\$d[1960-1970]

488: 1 \$tCorpus de azulejaria portuguesa\$apor J.M. dos Santos Simões\$cLisboa\$bFundação Calouste Gulbenkian\$d1963-1979

600: 1 \$aSimões,\$b J.M. dos Santos f1907-1972\$x[Fontes]

601: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$c(Lisboa, Portugal)\$z[1958-1969]

606: \$aAzulejos\$yPortugal

675 \$a7Simões, J. M.dosSantos(044)

675: \$a061.27(469)\$v3\$zpor

675: \$a738.81(469)\$v3\$zpor

701: 1 \$aSimões,\$bj. M. dos Santos\$f1907-1972\$g(João Miguel) dos Santos

702: 1 \$aOliveira\$bEmilio Guerra de\$4440

710: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$f[1958-1969]

966: \$IFCG-ARQ-BEA001

966: \$IFCG-BA-BEA002

966: \$IFCG-BA-BEA003

966: \$IFCG-BA-BEA004

966: \$IFCG-BA-BEA005

966: \$aAA\$IFCGBGA\$sCFT009

D.2: Registo da Colecção de recortes de imprensa

PROPOSTA DE FORMATO BIBLIOGRÁFICO

COLECÇÃO DE RECORTES DE IMPRENSA

PRODUÇÃO: [1958-1969]

DESCR. FÍSICA: 60 recortes de imprensa

INCLUÍDO EM: Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria [1958-1969]

NOTAS: Colecção composta por recortes retirados da imprensa nacional e brasileira, reunida por João Miguel dos Santos Simões, entre 1958 e 1969. Referem-se a cursos, palestras, exposições e viagens de pesquisa realizadas pelo investigador no âmbito da Brigada de Estudos de Azulejaria.

ASSUNTOS: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria -- [1958-1969] -- [Recortes de imprensa]

Azulejos -- Portugal--[Recortes de imprensa]

Simões, J.M. dos Santos, 1907-1972--[Recortes de imprensa]

CDU: 738.81(469)(047.6)

061.27(469)(047.6)

7 Simões, J.M. dos Santos(047.6)

COTA(S): FCG- BA- BEA002

[Ver formato UNIMARC](#) | [Exportar registo em ISO2709](#) | [Exportar registo em MarcXchange](#)

Exemplares

Local	Cota	Vol.	Tipo Emprést.	Estado
Biblioteca de Arte	FCG-BA-BEA002	0	Reservados nível 1	Disponível

PROPOSTA DE FORMATO UNIMARC

COLECÇÃO DE RECORTES DE IMPRENSA

LDR: 00000000000000000000

001: 000000

100: \$a20110606g19081987k y0pory01030103ba

- 101: 0 \$apor
- 102: \$aPT
- 200: 1 \$aColecção de recortes de imprensa
- 210: #1\$d[1958-1969]
- 215: \$a4 dossiers (60 recortes de imprensa)
- 330: \$aColecção composta por recortes retirados da imprensa nacional e brasileira reunida por João Miguel dos Santos Simões, entre 1958 e 1969. Referem-se a cursos, palestras, exposições e viagens de pesquisa realizadas no âmbito da Brigada de Estudos de Azulejaria.
- 461: 1 \$tArquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria\$d[1958-1969]
- 600: 1 \$ aSimões\$bJ. M. dos Santos\$f1907-1972\$j[Recortes de imprensa]
- 601: 02\$ aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$z[1958-1969]\$x[Recortes de imprensa]
- 606: \$ aAzulejos\$yPortugal\$j[Recortes de imprensa]
- 675: \$ a738.81(469)(047.6)\$v3\$zpor
- 675: \$ a061.27(469)(047.6)\$v3\$zpor
- 675: \$ a7Simões,J.M.dosSantos(047.6)\$v3\$zpor
- 966: \$ AFCG-BGA-BEA002

D.3: Registo da Colecção de desenhos

PROPOSTA DE FORMATO BIBLIOGRAFICO

COLECÇÃO DE DESENHOS [MATERIAL GRÁFICO]

AUTOR(ES): Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria; [aguarelas de] Emílio Guerra de Oliveira.

PRODUÇÃO: [1958-1962]

DESCR. FÍSICA: 400 desenhos ; color.

INCLUÍDO EM: Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria [1958-1969]

NOTAS: Colecção composta por desenhos (aguarelas) de padrões de azulejos produzidos por Emílio Guerra de Oliveira para a edição da obra Corpus de Azulejaria Portuguesa, no âmbito da Brigada de Estudos de Azulejaria da Fundação Calouste Gulbenkian.

OBRA(S) RELACIONADA(S): Corpus da azulejaria portuguesa / por J. M. dos Santos Simões. - Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1963-1979

ASSUNTOS: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria -- [1958-1969] --[Desenhos]
Azulejos -- Portugal -- [Desenhos]

CDU: 738.81(469)(084.11)

COTA(S): FCG-BA-BEA003

[Ver formato UNIMARC](#) | [Exportar registo em ISO2709](#) | [Exportar registo em MarcXchange](#)

Exemplares

Local	Cota	Vol.	Tipo Emprést.	Estado
Biblioteca de Arte	FCG-BA-BEA003	0	Reservados nível 1	Disponível

PROPOSTA DE FORMATO UNIMARC

COLECÇÃO DE DESENHOS [MATERIAL GRÁFICO]

LDR: 00000000000000000000

001: 000000

100: \$a20110606g19081987k y0pory01030103ba

101: 0 \$apor

102: \$aPT

200: 1 \$aColecção de desenhos\$b[material gráfico]\$fFundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria \$g[aguarelas de] Emilio Guerra de Oliveira

210: #1\$d[1958-1969]

215: \$a400 desenhos\$ccolor.

330: \$aColecção composta por aguarelas de azulejos de Emílio Guerra de Oliveira para a elaboração da colecção de livros *Corpus da Azulejaria Portuguesa* realizadas no âmbito da Brigada de Estudos de Azulejaria da Fundação Calouste Gulbenkian.

461: 1\$tArquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria\$d[1958-1969]

488: 1\$tCorpus da azulejaria portuguesa\$apor J.M. dos Santos Simões\$cLisboa\$bFundação Calouste Gulbenkian\$d1963-1979

601: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$z[1958-1969]\$j[Desenhos]

606: \$aAzulejos\$yPortugal\$j[Desenhos]

675: \$a738.81(469)(084.11)\$v3\$zpor

701: 1\$aOliveira,\$bEmilio Guerra de

710: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$f[1958-1969]

966: 1 \$aFCG-BA-BEA003

D.4: Registo da Colecção de palestras

PROPOSTA DE FORMATO BIBLIOGRAFICO

COLECÇÃO DE PALESTRAS [REGISTO SONORO]

AUTOR(ES) Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria; [palestras proferidas por] J.M. dos Santos Simões.

PRODUÇÃO: [1958-1962]

DESCR. FÍSICA: 25 cassetes sonoras

INCLUÍDO EM: Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria [1958-1969]

NOTAS: Colecção composta por cassetes sonoras das palestras proferidas por João Miguel dos Santos Simões, no âmbito da Brigada de Estudos de Azulejaria da Fundação Calouste Gulbenkian.

ASSUNTOS: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria -- [1958-1969] --[Palestras]

Azulejos -- Portugal -- [Palestras]

CDU: 738.81(469)(042)

COTA(S): FCG-BA-BEA004

[Ver formato UNIMARC](#) | [Exportar registo em ISO2709](#) | [Exportar registo em MarcXchange](#)

Exemplares

Local	Cota	Vol.	Tipo Emprést.	Estado
Biblioteca de Arte	FCG-BA-BEA004	0	Reservados nível 1	Disponível

PROPOSTA DE FORMATO UNIMARC

COLECÇÃO DE PALESTRAS [REGISTO SONORO]

LDR: 00000000000000000000

001: 000000

100: \$a20110606g19081987k y0pory01030103ba

101: 0 \$apor

102: \$aPT

200: 1 \$aColecção de palestras\$b[Registo sonoro]\$fFundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria\$g[palestras proferidas por] J.M. dos Santos Simões.

210: #1\$d[1958-1969]

- 215: \$a25 cassetes sonoras
- 330: \$ Colecção composta por cassetes sonoras das palestras proferidas por João Miguel dos Santos Simões, no âmbito da Brigada de Estudos de Azulejaria da Fundação Calouste Gulbenkian.
- 461: 1 \$tArquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria\$d[1958-1969]
- 601: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$z[1958-1969]\$x[Palestras]
- 606: \$aAzulejos\$yPortugal\$j[Palestras]
- 675: \$a738.81(469)(042)\$v3\$zpor
- 701: 1\$aSimões,\$bJ. M. dos Santos\$f1907-1972\$g(João Miguel) dos Santos
- 710: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$f[1958-1969]
- 966: 1 \$aFCG-BA-BEA004

D.5: Registo da Colecção de fichas

PROPOSTA DE FORMATO BIBLIOGRAFICO

COLECÇÃO DE FICHAS DO ARQUIVO BEA

AUTOR(ES) Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria; [produzidas por] J.M. dos Santos Simões.

PRODUÇÃO: [1958-1962]

DESCR. FÍSICA: 3000 fichas

INCLUÍDO EM: Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria [1958-1969]

NOTAS: Colecção composta por 3000 fichas dactilografadas e manuscritas com descrição e localização de núcleos azulejares, produzidas por João Miguel dos Santos Simões, para edição da colecção de livros Corpus da Azulejaria Portuguesa no âmbito da Brigada de Estudos de Azulejaria da Fundação Calouste Gulbenkian.

OBRA(S) RELACIONADA(S): Corpus da azulejaria portuguesa / por J. M. dos Santos Simões. - Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1963-1979

ASSUNTOS: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria -- [1958-1969] --[Fichas]

Azulejos -- Portugal -- [Fichas]

CDU: 738.81(469)

COTA(S): FCG-BA-BEA005

[Ver formato UNIMARC](#) | [Exportar registo em ISO2709](#) | [Exportar registo em MarcXchange](#)

Exemplares

Local	Cota	Vol.	Tipo Emprést.	Estado
Biblioteca de Arte	FCG-BA-BEA005	0	Reservados nível 1	Disponível

PROPOSTA DE FORMATO UNIMARC

COLECÇÃO DE FICHAS DO ARQUIVO BEA

LDR: 00000000000000000000

001: 000000

100: \$a20110606g19081987k y0pory01030103ba

101: 0 \$apor

102: \$aPT

- 200: 1 \$aColecção de fichas do Arquivo BEA\$fFundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejariag[produzidas por] J.M. dos Santos Simões.
- 210: #1\$d[1958-1969]
- 215: \$a3000 fichas\$d 17,5X45 cm
- 330: \$ Colecção composta por 3000 fichas dactilografadas e manuscritas com descrição e localização dos núcleos azulejares produzidas por João Miguel dos Santos Simões, para a edição da colecção de livros *Corpus da Azulejaria Portuguesa* no âmbito da Brigada de Estudos de Azulejaria da Fundação Calouste Gulbenkian.
- 461: 1 \$tArquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria\$d[1958-1969]
- 488: 1 \$tCorpus da azulejaria portuguesa\$apor J.M. dos Santos Simões\$cLisboa\$bFundação Calouste Gulbenkian\$d1963-1979
- 601: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$z[1958-1969]\$x[Fichas]
- 606: \$aAzulejos\$yPortugal\$j[Fichas]
- 675: \$a738.81(469)\$v3\$zpor
- 701: 1 \$aSimões,\$bj. M. dos Santos\$f1907-1972\$g(João Miguel) dos Santos
- 710: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$f[1958-1969]
- 966: 1 \$aFCG-BA-BEA004

D.6: Registo da Colecção azulejaria portuguesa

AZULEJARIA PORTUGUESA [MATERIAL GRÁFICO]

AUTOR(ES):	Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria ; [fotografia e inventário de] J.M. dos Santos Simões.
PRODUÇÃO:	[1960-1970]
INCLUÍDO EM:	Arquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria [1958-1969]
NOTAS:	. - Conjunto de imagens representativas da evolução da arte do azulejo em Portugal.
OBRA(S) RELACIONADA(S):	Corpus da azulejaria portuguesa / por J. M. dos Santos Simões . - Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1963-1979 Carreaux céramiques hollandais au Portugal et en Espagne / par J. M. dos Santos Simões . - Haye : Martinus Nijhoff, 1959 J. M. Santos Simões : azulejaria portuguesa, exposição / [ed. lit.] Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes [da] Fundação Calouste Gulbenkian . - Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1997
PROVENIÊNCIA:	A colecção resultou do trabalho realizado pela Brigada de Estudos de Azulejaria, criada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1960 e dirigida por João Miguel dos Santos Simões. O objectivo deste projecto consistiu em efectuar a recolha de elementos informativos sobre a azulejaria em Portugal, tendo em vista a elaboração da obra de referência "Corpus da azulejaria portuguesa", publicada pela FCG entre 1963 e 1979.
ASSUNTOS:	Azulejos -- Portugal -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- Brasil -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- Alemanha -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- Angola -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- Bélgica -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- Espanha -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- França -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- Holanda -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- Grã-Bretanha -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- Marrocos -- Séc. 15-18 -- [Fotografias] Azulejos -- Tunísia -- Séc. 15-18 -- [Fotografias]

CDU: 738.8"14/17"(084.121)

COTA(S): CFT009

CÓPIA DIGITAL: Ver registos que contêm as cópias digitais.

TERMOS E CONDIÇÕES: Termos e condições de utilização das cópias digitais.

[Ver Detalhe Bibliográfico](#) |

[Exportar registo em ISO2709](#) |

[Exportar registo em MarcXchange](#)

Exemplares

Local	Cota	Vol.	Tipo Emprést.	Estado	Notas
Biblioteca de Arte	CFT009 0	1	Reservados nível	Disponível	Acessível em rede. Consultável no Espaço Multimédia.

FORMATO UNIMARC

COLECCÃO AZULEJARIA PORTUGUESA [MATERIAL GRÁFICO]

LDR: 04459ckc 2200433 4500

001: 165317

100: \$a20020524g19601970k y0pory0103 ba

102: \$aPT

116: \$afiyb

200: 1 \$aAzulejaria portuguesa\$bMaterial gráfico]\$fFundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas Artes. Brigada de Estudos de Azulejaria\$g[fotografias e inventário de] J. M. dos Santos Simões

210: #1\$d[1960-1970]

215: \$a3 257 provas fotograficas\$d13 x 18 cm, principalmente ;\$a1 771 negativos\$d6 x 6 cm\$cp&b e color.

317: \$aA coleção resultou do trabalho realizado pela Brigada de Estudos de Azulejaria, criada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1960 e dirigida por João Miguel dos Santos Simões. O objectivo deste projecto consistiu em efectuar a recolha de elementos informativos sobre a azulejaria em Portugal, tendo em vista a elaboração da obra de referência "Corpus da azulejaria portuguesa", publicada pela FCG entre 1963 e 1979.

330: \$aConjunto de imagens representativas da evolução da arte do azulejo em Portugal.

461: 1\$tArquivo da Brigada de Estudos de Azulejaria\$d[1958-1969]\$tCorpus da azulejaria portuguesa\$apor J.M. dos Santos Simões\$cLisboa\$bFundação Calouste Gulbenkian\$d1963-1979

488: 1\$tColeção da azulejaria portuguesa\$apor J. M. Santos Simões\$cLisboa\$bFundação Calouste Gulbenkian,\$d1963-1979

- 488: 1 \$tCarreaux céramiques hollandais au Portugal et en Espagne\$apar J. M. dos Santos Simões\$cHaye\$bMartinus Nijhoff,\$d1959
- 488: 1 \$tJ. M. Santos Simões : azulejaria portuguesa, exposição\$a[ed. lit.] Arquivo de Arte do Serviço de Belas Artes [da] Fundação Calouste Gulbenkian\$cLisboa\$bFundação Calouste Gulbenkian,\$d1997
- 606: \$aAzulejos\$yPortugal\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yBrasil\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yAlemanha\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yAngola\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yBélgica\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yEspanha\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yFrança\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yHolanda\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yGrã-Bretanha\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yMarrocos\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 606: \$aAzulejos\$yTunísia\$zSéc. 15-18\$x[Fotografias]
- 675: \$a738.8"14/17"(084.121)
- 701: 1 \$aSimões,\$bJ. M. dos Santos,\$f1907-1972
- 710: 02\$aFundação Calouste Gulbenkian\$bServiço de Belas Artes\$bBrigada de Estudos de Azulejaria\$f[1958-1969]
- 956: \$aEsta coleção encontra-se totalmente digitalizada.\$bBIBCFT009\$dVer registos que contêm as cópias digitais.
- 957: \$bA\$dTermos e condições de utilização das cópias digitais.
- 958: _1\$dadc=165317&img=59024\$b&res=60&thb=1&pag=1\$c&res=260&thb=1&pag=1\$d (239 KB)\$90
- 959: \$2BIBDIGITAL
- 966: 1 \$aAA\$IFCGBGA\$sCFT009
- 999: \$cbga-jvr\$d20060208\$abga-mjc\$b20020524\$cbga-mjc\$d20020524\$cbga-jvr\$d20070913